

Cadernos de  
**Etnolingüística**

(Série Monografias, 5)

**Guató: A língua**

Por  
Max Schmidt

Tradução: Kristina Balykova  
Prefácio: Gustavo Godoy e Kristina Balykova  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

2018

Cadernos de Etnolingüística  
ISSN 1946-7095

***Editores:***

Aline da Cruz  
Lev Michael  
Roberto Zariquiey

***Série Monografias, 5***

*Guató: A Língua*

por Max Schmidt

84 pp.

ISBN 978-0-9846008-4-7

© Kristina Balykova, para a tradução

© Gustavo Godoy e Kristina Balykova, para o prefácio

Incentivamos a ampla distribuição não comercial deste trabalho, tanto eletronicamente como em forma impressa, desde que sua forma e conteúdo permaneçam inalterados.

Disponível para download em

<http://www.etnolinguitica.org/mono:5>

Submetido em 15 de abril de 2017

Revisado em 02 de janeiro de 2018

Publicado em 30 de maio de 2018

# Conteúdo

<b>Lista de tabelas</b> .....	<b>iv</b>
<b>Lista de figuras</b> .....	<b>v</b>
<b>Abreviações das glosas</b> .....	<b>vi</b>
<b>Prefácio</b> .....	<b>1</b>
1 O passado dos Guató.....	1
2 O fim dos Guató e de sua língua? .....	3
3 A revitalização .....	6
4 Max Schmidt.....	7
5 Apontamentos sobre a língua guató .....	7
5.1 Fonologia .....	8
5.2 Morfologia .....	8
5.3 O modo hortativo .....	10
5.4 Classificação genética.....	11
6 Sobre a tradução.....	11
7 Sobre a formatação .....	12
8 Animais e plantas registrados no vocabulário .....	12
Referências.....	13
<b>Guató: A língua</b> .....	<b>17</b>
I. Panorama geral.....	17
II. Formação de palavras.....	18
1. Radicais monossílabos.....	18
2. Derivação dos radicais polissilábicos das raízes monossilábicas .....	23
3. Sons e mudanças fonéticas.....	25
III. Vocabulário.....	29
A. Para a orientação do leitor. ....	29
B. Vocabulário. Organizado por assuntos.....	30
C. Lista do vocabulário em ordem alfabética.....	64
IV. Frases .....	69

# Lista de tabelas

1	Morfemas e abreviações por glosas .....	vi
2	Marcação de argumento em guató .....	9

# Lista de figuras

1	Homens guató do rio Caracará (fotografia de M. Schmidt 1910).....	5
---	-------------------------------------------------------------------	---

# Abreviações das glosas

Tabela 1: Morfemas e abreviações por glosas

Glosa	Definição	Morfema
1SG	Primeira pessoa do singular	-jo a-...-ru (posse)
1PL	Primeira pessoa do plural	hadži-
2	Segunda pessoa	g <sup>w</sup> a-
2INT	Segunda pessoa na interrogação	-rehe
3SG	Terceira pessoa do singular	i-/ε-
3PL	Terceira pessoa do plural	bε-
AUM	Aumentativo	(ó)tó-
CAUS	Causativo	gá-
COMP	Composto	(cf. as pp. 85-87 na seção VIII “Numerais” do vocabulário)
DD	Descritivo dimensional	da-, aro- (Eufrásia)
DET	Determinativo (cf. a pág. 14 do prefácio)	m(a)-, g(o)-
DIM	Diminutivo	ódi-
DN	Descritivo não dimensional	ad-, ario- (Eufrásia)
E	Epêntese	-d̄z-
EMPH	Enfático	kái-
HAB	Habitual	-gáde
HORT	Hortativo (cf. a pág. 17 do prefácio)	kira
IMP	Imperativo	o-
IND	Indicativo	n(a)-
INTENS	Intensificador	-giri
INTRZ	Intransitivizador	-gĩ
IPFV	Imperfectivo	m(a)-
OBR	Obrigação	í-
POS	Posse reflexiva (ou correferencial)	hi-
PROG	Progressivo	g <sup>w</sup> (á)-







# Prefácio

Gustavo Godoy  
Kristina Balykova

## 1 O passado dos Guató

O Guató é uma das últimas línguas indígenas que sobrevivem no Pantanal, sendo o povo guató o único que restou dos grupos canoieiros dos locais mais sujeitos às inundações periódicas<sup>1</sup>. Sua autodenominação era *go-tʃéuvi*, que significa também ‘gente’ e ‘índio’. Schmidt indicou o uso da denominação <oguató, goguató> (Schmidt 1942c: 55), que concordava com a designação anotada desde os primeiros contatos com os europeus. Porém, nossos dados, obtidos junto aos dois últimos falantes, Vicente e Eufrásia, estão em consonância com o texto anotado por Palácio (1984: 127), em que a língua guató é chamada de *go-tʃéuvi i-óti* “língua de gente”.

A denominação <maguato> não era reconhecida pela família de Vicente (Oliveira 2002: 271). Susnik (1978: 19) postulou uma explicação incorreta para este etnônimo, baseada suposta similaridade entre o etnônimo <oguató, goguató> e a denominação da ave <maguãto><sup>2</sup>.

O Pantanal é uma grande planície sedimentar de pouca declividade inundada pelas águas da bacia do Alto Paraguai. Localizado no centro da América do Sul, o Pantanal é cercado por planaltos, onde nascem os rios que o alagam. A oeste, sua geografia vai progressivamente se transformando na planície do Chaco. Domínio reivindicado pela coroa espanhola a partir do tratado de Tordesilhas até a metade do século XVIII, passou a ser dominado pela coroa lusa em 1750, sendo, depois, herdado pelo Estado brasileiro.

Oliveira (2002:24-5) sugere a divisão geomorfológica da ocupação indígena entre terras baixas pantaneiras, as planícies de inundação habitadas por pescadores-caçadores-coletores (como Guató, Guaxarapo e Payaguá), e as terras altas, que não estão tão sujeitas ao alagamento e que foram habitadas principalmente pelos agricultores, como os Xaray, Chané/Guaná e Guarani.

Os outros povos e línguas indígenas que se encontram ou se encontravam no Pantanal ou em seus arredores são: os Terena e Kinikinao (Arawak), descendentes de alguns dos índios que foram chamados de Chané e, depois, de Guaná. Os Kadiwéu (Guaikuru), que, atualmente, habitam o pantanal de Nabileque e, no passado, atravessaram o rio Paraguai e por vezes se aliaram com os canoieiros Payaguá, hoje extintos. Próximos aos Kadiwéu e na região do Pantanal paraguaio estão os Chamacoco. Há um grupo bororo pantaneiro que têm uma de suas aldeias, chamada Perigara, nas proximidades da Terra Indígena Baía dos Guató, a montante do rio São Lourenço. Antigamente, existiam outros grupos bororo na área pantaneira, como os Bororo ocidentais. Os Umutina – que também fazem parte da família linguística bororo – já estiveram mais ao sul e como se pode conferir em informações de Schmidt (1942c: 51, 55 e 62), travaram contato com os Guató. Os Chiquitano, um povo surgido no contexto das missões jesuítas, ocuparam as proximidades da região. O guarani já foi

---

<sup>1</sup> O trabalho arqueológico e etnográfico que também contém informações históricas é o de Oliveira (2002). Conferir também a síntese de Costa (2015) sobre o povo.

<sup>2</sup> Ver as observações abaixo sobre a espécie desta ave. Como podemos conferir na entrada sobre a ave do vocabulário (nº 292), Schmidt anota “Cf. o nome da tribo Guató”.

regularmente falado na região, tendo os Guarani composto a redução jesuítica do Itatim, e, hoje em dia, persiste em sua forma atual como idioma paraguaio.

A história antiga da ocupação guató, bem como de outros povos pescadores-caçadores-coletores da região, está associada a uma arte cerâmica de caráter essencialmente doméstico, que servia para fazer cozidos e para armazenar água. Este estilo de olaria remete à chamada *Tradição Pantanal* na tipologia arqueológica brasileira<sup>3</sup>, cerâmica que surgiu na região aproximadamente há 2.800 AP, sendo uma das mais duradouras e antigas séries de cultura ceramista fora da Amazônia, bem como associada a aterros, estrutura arqueológica específica. Os primeiros aterros anteriores ao período cerâmico começaram a ser construídos há 8.000 anos, tendo ocorrido um aumento da densidade de aterros há aproximadamente 3.000 anos.

O povo guató é citado pela primeira vez nas listas que enumeravam as várias etnias encontradas durante as entradas espanhol-guaranílicas em busca de metais valiosos. Essas expedições partiam de Assunção e, indo para o norte, chegavam ao Pantanal. Nesta época, eram copiosas as “nações” (ou “gerações”) de índios e suas “parcialidades” (i.e., os subgrupos) citadas na região, com intensas trocas e rotas de tráfego que ligavam vários povos em uma ampla região. De grupo em grupo, pessoas e objetos circulavam por entre o Atlântico, a bacia do Prata, o Pantanal, o Chaco e os contrafortes andinos (cf. Julien 2007 e Combès 2010, 2008).

Os povos pantaneiros conheciam e relatavam sobre alguns costumes dos povos do império inca, de onde provinham os metais que circulavam na região. O Pantanal, a esta época, era conhecido como *Laguna de los Xarayes*<sup>4</sup>, nome do povo indígena que impressionou os europeus por sua demografia e hierarquia. Os povos pantaneiros formavam um sistema regional de subordinação, no qual o povo Xaray – talvez de língua arawak – ocupava uma posição de destaque

Foi na viagem de 1544 comandada por Cabeza de Vaca que os espanhóis localizaram os Guató em *Puerto de los Reyes* e no alto Paraguai. A esta época, os “Guatos” eram inimigos dos guarani-falantes do Itatim, a que já haviam atacado em tempos passados, e aliaram-se aos “Guaxarapos” e aos “Arriancosis” contra a gente comandada por Cabeza de Vaca (1555: cap. 67, 68 e 71). Díaz de Guzman (1835 [1612]: 61) fala que os “Guatos” estariam na margem direita do “*rio del Araguay*”, enquanto na direita localizavam-se os “Guajarápos”. Em 1 de novembro de 1557 os Guató novamente atacam entradas vindas de Assunção. Localizados em uma baía<sup>5</sup>, combatem a gente de Ñuflo de Chaves (Díaz de Guzman 1835 [1612]: IX). Nestes relatos não há muitos dados etnográficos sobre os Guató, apesar de Cabeza de Vaca (1555: caps. 68 e 71) oferecer uma interessante descrição sobre o modo de vida canoeiro.

Atacados nas monções no século XVII, os Guató também estabeleceram alianças com os maloqueiros de São Paulo (Oliveira 2002: 352-3). Ajudaram, assim, as bandeiras paulistas no combate aos Payaguá e no estabelecimento da ocupação lusa do Pantanal (Holanda 2014 [1986]: 72).

Na primeira metade do século XIX, outras informações sobre os Guató vêm da expedição Langsdorff. O desenhista da expedição, Florence (1948 [1875]), documentou a aparência guató em seus desenhos e comentou alguns costumes. A esta época, os

<sup>3</sup> Ver os seguintes trabalhos de arqueologia que sintetizam a ocupação pantaneira: Schmitz & Rogge (2015), Bespalez (2015) e Oliveira (2004). Max Schmidt foi um dos precursores da pesquisa arqueológica na região (cf. Oliveira 2002).

<sup>4</sup> É ainda desta forma que Koslowsky (1895: 23) chamou o Pantanal quando foi ao encontro dos Guató.

<sup>5</sup> Chamada de *laguna de Aracay*, talvez seja a baía de Cáceres, na Bolívia, nas proximidades da fronteira com Corumbá (Combès 2010: 165, segundo hipótese de Susnik 1978: 18-19).

Guató já comerciavam roupas e outros bens com os brasileiros (apenas um velho usava um fio peniano em vez de calças), mas ainda mantinham sua indumentária indígena.

Castelnau (1949 [1851]) foi o primeiro a registrar um vocabulário guató com 164 palavras, que foram usadas no trabalho comparativo de Martius (1867, vol II: 209-10), responsável pela classificação da língua guató no seu subgrupo “cren” ou “guerén” – junto com as línguas botocudo (aimoré), puri, coroado, malali, patagon e camé (kaingang). Os dados de Castelnau aparecem, a modo de comparação, na lista de Schmidt, que faz parte da presente tradução. O trabalho de Castelnau também inclui duas gravuras: um panorama da baía Gaíva com algumas canoas e o perfil de um Guató junto com o perfil de um indígena de outro grupo pantaneiro, os Guachi, hoje extintos.

Em 1867, houve um surto de varíola que matou muitos Guató (Costa 2015: 206<sup>6</sup>). Outra epidemia de varíola, noticiada por Max Schmidt, causou morte e dispersão, aproximadamente em 1900.

Entre 1869 e 1870, anos finais da Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança, o general Couto Magalhães, então governador do estado, enfatizou a importância da contribuição dos Guató na batalha, além de descrever alguns costumes destes índios (Magalhães 1874).

Na época da 1<sup>a</sup> República, entre o final do século XIX e o começo do século XX, as elites de Mato Grosso entraram em disputa. Nestas *revoluções* – como estes conflitos oligárquicos eram chamados – um certo número de Guató deve ter sido colocado para lutar. Schmidt (1942a [1905]: 137) observa que durante o levante acontecido durante sua viagem de 1901, alguns Guató foram apanhados por combatentes que passavam em um barco a vapor e fugiram nadando. O clima estava tenso e causou ansiedade nos acompanhantes de Schmidt em Amolar, quando terminava sua jornada (*ib.*: 129-32). Deve ser por causa desses acontecimentos que, curiosamente, a língua guató apresenta uma palavra para ‘revolução’: <nubiavegogari> (Schmidt 1942c: 53).

Bolland (1901: 109), que não chegou a encontrar nenhum Guató na Gaíva, embora lá eles estivessem, observa que esses índios estavam por Puerto Quijarro, nas proximidades de Corumbá. Com o passar dos anos, cada vez mais os Guató perderam espaço por entre os latifúndios no Pantanal, tendo sido considerados extintos como coletividade na década de 1950.

## 2 O fim dos Guató e de sua língua?

Max Schmidt publicou, no texto aqui traduzido, as primeiras informações gramaticais sobre o Guató e uma quantidade considerável de palavras e frases. Schmidt esteve no Pantanal nos anos de 1901, 1910 e 1928. Já nesta época, observou que os homens falavam português. Os Guató tinham relutância de ensinar-lhe a língua, mas a língua ainda era vital e a população guató mantinha uma autonomia relativa no contexto regional, embora já apresentasse dispersão.

A situação, hoje, é outra. Após terem sido tirados de suas terras e alijados de sua identidade, os Guató reivindicaram novamente sua autonomia. Este processo se iniciou na década de 1970, com Josefina Alves Ribeiro – uma das últimas falantes da língua e principal informante da linguista Adair Palácio –, tendo continuado com seus filhos, primeiro o finado Celso Alves Ribeiro seguido por Severo Ferreira, apoiado por sua

---

<sup>6</sup> Correspondência do diretor geral dos índios ao governador do estado, J. M. Leverger, o barão de Melgaço (Relatório exigido pela Presid<sup>a</sup>. em off<sup>o</sup> de 10 de Junho de 1869. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.)

esposa Dalva Maria<sup>7</sup>. Esta luta culminou na demarcação da Terra Indígena Guató em Mato Grosso do Sul, iniciada em 1977 e concluída apenas em 1996. No Mato Grosso, outro núcleo populacional guató reivindica a Terra Indígena Baía dos Guató e, ao mesmo tempo, reivindica a revitalização da língua.

Nenhum destes dois grupos fala, hoje, a língua de seus antepassados. Conhecemos apenas dois “lembrantes” vivos do guató, que vivem fora destas Terras Indígenas e que possuem competências linguísticas diversas.

O primeiro falante do qual tivemos notícia foi Vicente, cujo nome em Guató é /d̥ʒogwápɔ/. Hoje em dia, Vicente mora sozinho, se não considerarmos a companhia de seus gatos e cachorros, no baixo rio São Lourenço. Morava com outros familiares: a mãe, a finada Júlia Caetano, de nome [t̥jiritu]<sup>8</sup> e dois tios maternos, o finado José e o finado Veridiano /d̥ʒɔd̥ʒɔtoga/. Esta família vivia em dois assentamentos nas proximidades do morro do Caracará. Tal região foi o último recanto onde a língua guató foi usada no cotidiano, sendo falada sem interrupção desde que seus antepassados se estabeleceram no lugar, onde receberam a visita de Max Schmidt.

Em 1910, Max Schmidt foi ao rio Caracará, onde contatou Caetano (Schmidt 1912) – pai de Júlia, Veridiano e José. O local contava, na época, com vinte Guató (Schmidt 1914: 268). Segundo Schmidt (1942c: 64), o rio Caracará se chamava em guató de modo genérico: “riozinho” [g-ódí-d̥ʒékũ]. Em época mais recente, Oliveira (2002) anotou o nome “rio dos Guató” <Mojikum'maguato><sup>9</sup>, como a família Caetano expressava, assim, sua territorialidade através do nome do rio.

A região do rio Caracará foi um dos últimos lugares do Pantanal em que a expropriação de terras para a produção pecuária não tinha dominado até as primeiras décadas do século XX<sup>10</sup>, sendo depois apropriada como latifúndio. Isso já fica claro na passagem do livro de Schmidt em que ele narra sobre a obrigação de prestar contas sobre sua expedição em uma propriedade privada belga, a fazenda Acurizal, “último posto avançado de povoação brasileira” (Schmidt 1942a [1905]: 111)

Foi nesta época, provavelmente, no começo dos 1900, que a família do guató Domingos Maciel de Amorim deixou a região indo para montante do rio São Lourenço, onde com outras famílias formou o agrupamento que, no século XXI, se transformaria na Terra Indígena Baía dos Guató (Oliveira 2002: 314, 354).

A família de Vicente foi se desfazendo com o passar dos anos. Em 2000, morreu José; em 2011, Veridiano, que já não vivia com os parentes fazia alguns anos. Por último, em 2012, morreu Júlia, derradeiro elo de conversação diária na língua. No local, sobrou apenas seu filho, Vicente, o último guató competente na língua, mas que já começa a esquecê-la, pois não a fala mais. Vicente tinha dois irmãos: André e Félix. Um deles, Félix, morreu em Corumbá, sem família. Vicente não costumava se comunicar com os moradores da Terra Indígena Guató (MS), com os quais, ultimamente, voltou a estabelecer contato.

<sup>7</sup> Dalva foi quem cuidou de vários dos últimos falantes de guató, sendo que com algum deles coletou um considerável número de palavras e frases, tudo registrado em seus cadernos de campo. Ela nos deu uma entrevista sobre a luta guató que disponibilizamos em: <http://nupeli-gela.weebly.com/guatoacute.html>.

<sup>8</sup> <Mijiritu> em Oliveira (2002: 357).

<sup>9</sup> Houve ainda mais dois corpos e cursos de água chamados de “Guató”: um rio perto da Gaíva (Bolland 1901) e o rio da Baía dos Guató.

<sup>10</sup> Isso vale para várias localidades do Pantanal em que Schmidt veio e encontrar os Guató: “Os Guató devem exclusivamente à natureza da região que habitam, onde os lagos e os braços de rios lhes oferecem milhares de abrigos ocultos, o terem podido evitar o desastroso contacto com a cultura europeia, por influência da qual as tribos suas vizinhas desde cedo sacrificaram a sua individualidade ou desapareceram da superfície da terra, não deixando sequer o seu nome.” (Max Schmidt 1942a [1905]: 135)



*Figura 1: Homens guató do rio Caracará (fotografia de M. Schmidt 1910<sup>11</sup>)*

---

<sup>11</sup> Acervo do Ethnologisches Museum der Staatlichen Museen zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz. Disponível em: <https://goo.gl/EMHjvZ>

A segunda “lembrante” do guató é Eufrásia Ferreira, que conhecemos em sua casa, em Corumbá (MS) em outubro de 2016. Ela já não usava a língua há muito mais anos que Vicente, já que não a falava cotidianamente há mais de quarenta anos, após a morte do pai e, em seguida, da mãe.

Os irmãos de Eufrásia morreram recentemente e de forma trágica em Corumbá: o finado Cipriano, morreu em setembro de 2016, pelas sequelas do alcoolismo. A finada Francisca perambulava bêbada quando foi atropelada por uma moto que decepou sua perna. Cipriano e Francisca já não usavam o guató há muitas décadas. Francisca devia saber muito pouco, pois se afastou muito jovem da convivência com falantes. Cipriano sabia a língua e foi informante de Adair Palácio, mas teve uma vida errante, dormindo na rua.

Quando perguntávamos para Eufrásia frases e palavras em guató, muitas vezes ela lamentava que já não era capaz. Mesmo assim, gravamos vários dias com ela, por vezes esquecendo e lembrando.

No primeiro dia que Gustavo entrevistou-a, em 11 de outubro de 2017, Eufrásia lembrou seu nome em guató. No segundo campo e no começo do terceiro, ela havia esquecido como a chamavam na língua que já foi materna. Apenas no último dia do terceiro campo (4 de agosto de 2017), quando trouxemos conosco Dalva Maria, sua antiga conhecida, Eufrásia conseguiu lembrar seu nome. Dalva falou seu nome em guató: [mato'd̥zaruu] e perguntou qual seria o nome de Eufrásia, que hesitou e, então, recordou-se de seu antigo nome: [d̥záriguka].

Isso é um exemplo do que aconteceu ao longo dos dias de elicitación: não desistimos de coletar dados inéditos com Eufrásia, alegando a sua condição de “lembrante”. Seu esquecimento não é absoluto e elementos da língua afloravam de sua memória de uma maneira, muitas vezes, imprevisível.

### 3 A revitalização

A presente tradução é um dos resultados do subprojeto de revitalização da língua Guató, componente do projeto Línguas indígenas ameaçadas: pesquisa e teorias linguísticas para a revitalização, realizado com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq<sup>12</sup>) por uma equipe de pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A equipe é liderada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bruna Franchetto, coordenadora do projeto, Professora Titular dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social e em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Também participam da equipe: Walter Alves (bolsista de iniciação científica, graduando em Letras – UFRJ), Kristina Balykova (ex-bolsista de Iniciação científica da graduação em Letras e, atualmente, mestrandia em Linguística - UFRJ) Gustavo Godoy (doutorando em Antropologia Social – UFRJ) e Dayane Pontes (bolsista de Iniciação científica, graduanda em Letras – UFRJ). Uma descrição de parte do trabalho realizado no projeto está descrita em Godoy & Franchetto (2017).

Atividades e resultados do projeto e de seus sub-projetos podem ser conferidos em <http://nupeli-gela.weebly.com/>. O apoio do CNPq permitiu a realização de duas oficinas de revitalização junto aos Guató de Mato Grosso (entre 20 e 29 de agosto de 2016 e 10 a 15 de julho de 2017), trabalhos de campo (agosto de 2016, outubro de 2016, fevereiro de 2017 e julho e começo de agosto de 2017) e um mini-curso em Mato Grosso do Sul (31 de julho a 3 de agosto). As oficinas em Mato Grosso, na Baía dos Guató, contaram

<sup>12</sup> Edital Universal 2014, Proc. 454950/2014-4.

também com o apoio da Funai, através do Museu do Índio (RJ) e da Coordenação Regional de Cuiabá (MT).

Coletamos novos dados junto aos dois últimos semi-falantes conhecidos da língua Guató: Vicente (em outubro de 2016) e Eufrásia (em outubro de 2016, em fevereiro, julho e agosto de 2017).

## 4 Max Schmidt

Max Schmidt nasceu em 15 de dezembro de 1874 em Altona, que, então, era da Prússia e, hoje, da Alemanha. Estudou direito nas universidades de Tübingen, Berlin e Kiel, tendo feito uma tese sobre direito romano. Logo após sua formação passou à etnologia e começou a trabalhar no Museu Etnológico de Berlim, onde conheceu Karl von den Steinen.

Pouco tempo depois deste encontro, em 1900 e 1901, Schmidt foi para o Mato Grosso, onde visitou as bacias do rio Xingu e do Alto Paraguai, onde conheceu o povo Guató. Em 1901, Schmidt esteve durante três semanas entre eles, no povoado chamado de Figueira, nas lagoas Gaíva e Uberaba. Os resultados da expedição compuseram a rica etnografia do livro *Indianerstudien in Zentralbrasilien*. (Schmidt 1905). Schmidt voltou a Mato Grosso em 1910, para estudar os Guató e os Paresi. Em 1910, foi para o rio Caracará, braço do São Lourenço, onde coletou poucas palavras (Schmidt 1914). Entre 1926 e 1928, fez mais uma viagem, em que alcançou os Kayabi, os Umutina, os Iranxe, os Wauja, os Nambikwara, e, novamente, os Guató e os Paresi. Em 1914, visitou, no Paraguai, os Toba e os Kaiowá.

Em 1928, esteve novamente coletando dados linguísticos guató, tendo como resultado uma segunda lista de palavras e frases (Schmidt 1942b). Schmidt notou a relutância dos Guató em falar sua língua:

Somente usando de muita paciência pude convencer os Guató, que são sob outros pontos de vista muito agradáveis, de comunicar-me alguns trechos na sua língua com tradução portuguesa. (Schmidt 1942b: 283)

Em 1931, mudou-se definitivamente para a América do Sul e, após tentar se estabelecer em Cuiabá, se fixou no Paraguai. Em seu novo país de residência, ainda empreendeu uma longa expedição, adentrando o Chaco e compondo etnografias de vários povos desta região. Morreu em 26 de outubro de 1950.

As pesquisas de Schmidt incluíram estudos arqueológicos, de cultura material, linguísticos, históricos e museológicos. A sua obra de maior impacto foi sua segunda tese, um compêndio etnológico dos povos Arawak e de sua expansão e influência na América do Sul indígena (Schmidt 1917)<sup>13</sup>. Este trabalho influenciou os modelos arqueológicos sobre a história antiga da América do Sul (Heckenberger 2002).

## 5 Apontamentos sobre a língua guató

Passamos a descrever alguns aspectos da língua guató, tendo como referência de partida os trabalhos de Palácio (1984: 21-3, 1986, 1991, 2004).

---

<sup>13</sup> Cf. L. Michael (ms.) para uma revisão do trabalho do ponto de vista da linguística comparativa.



## 5.1 Fonologia

O Guató conta com 17 fonemas consonantais /p, b, t, d, tʃ, dʒ, k, g, kʷ, gʷ, f, v, h, m, n, r, j/ e oito vocálicos /i, ī, u, e, o, ε, ɔ, a/, estes com cinco contrapartidas nasais /ĩ, ã, ũ, ẽ, ă/<sup>14</sup>. O <tš> da ortografia utilizada por Schmidt corresponde a um /tʃ/ e o š ao alofone [ʃ] do mesmo fonema. <y> corresponderia a um /j/, mas, por vezes, também corresponde a /dʒ/ nos dados posteriores. O próprio Schmidt grafou a africada /dʒ/ com <dž>. O <æ> corresponde a /ε/.

Em Schmidt aparecem alguns <r> ao final das palavras que, na combinação <ir>, corresponde, na maioria das vezes, ao /ī/ de Palácio. Porém, na fala de Vicente e de Eufrásia, este vogal alto /ī/ parece mais posterior do que central. Portanto, a transcrevemos como <u>. Assim, a palavra para ‘casa’, anotada por Schmidt como <movir>, pode ser transcrita como /m-óvi/ ou [m-óvu], enquanto ‘você viu’, <guatšír> na ortografia de Schmidt, deveria ser transcrita /g<sup>w</sup>a-dʒí/ ou [g<sup>w</sup>a-dʒú].

O padrão silábico é (C)V, sendo V menos frequente que CV. A língua se caracteriza por ter contrastes lexicais de tom (alto e baixo). Sobre isto, Schmidt só comenta sobre o acento, mas parece utilizar alguns grafemas para indicar contrastes que envolvem o tom: como o acento agudo e como duração da vogal que aparece tanto com os sinais de breve e longo ou como vogais duplas. Apesar disto, não ocorrem de maneira consistente com os dados atuais<sup>15</sup>.

## 5.2 Morfologia

Na terceira orientação para o leitor (A.3), no vocabulário, Schmidt apresenta o prefixo *ma-*, que chama de “abstratizante” ou “abstrato”. Estes prefixos nominais foram chamados por Frederico Rondon de ‘determinativos’ (1938:264), e Palácio (1984: 48-50) seguiu esta designação. Embora não seja uma regra geral, as formas de citação das palavras no vocabulário de Schmidt apresentam o prefixo *ma-* que, segundo Palácio (*ib.*: 48), “flexiona um tema livre de contexto”.

Além disso, Schmidt observa que este prefixo também flexionaria alguns verbos. Segundo a análise de Palácio (1984: 62), o prefixo verbal *ma-* marcaria o aspecto imperfectivo, mas ela não oferece uma descrição pormenorizada de seu uso. De qualquer modo, trata-se de um prefixo diferente do *ma-* “abstratizante” da flexão nominal.

As raízes nominais podem ser prefixados morfemas ‘determinativos’ (*ma-/go-*) ou marcas de pessoa:

- <maširvuir> ‘gente’ /ma-tʃéuví/ DET-gente (217, no vocabulário de Schmidt)
- <goširvuir> ‘gente’ /go-tʃéuví/ DET-gente (frases 4, 5, 23, 27 e 28)
- <toopũguariaširvuir?> ‘tem muito da sua gente?’ /to-pũ g<sup>w</sup>a-tʃéuví/ AUM-muito 2-gente (frase 15)

Nas construções de posse, geralmente, o núcleo do sintagma (o possuído) precede o dependente (o possuidor):

<sup>14</sup> Como existe apenas um par mínimo que opõe vogal oral à nasal em ambiente idêntico, Postigo (2009) sugere que existiria um suprassegimento nasal e não fonemas vogais nasais.

<sup>15</sup> Apesar dos trabalhos de Palácio (1984) e Postigo (2009), a caracterização do Guató como língua tonal não conta com estudos aprofundados.



*i-pána*                      *g-ák<sup>w</sup>o*  
 3-cauda                      DET-macaco  
 ‘rabo do macaco’ (Palácio 1984: 94)

Já os modificadores podem preceder (demonstrativos) – <gine goširvuir> ‘gente (d) aqui’ /gíne go-ŷéúví/ aqui DET-gente (frases 22 e 27) – ou seguir (verbos descritivos nominalizados) o núcleo do sintagma nominal – /g-ódá g-ítavi/ ‘cesta pesada’ DET-cesta DET-pesado (Palácio 1984: 94).

Os verbos transitivos possuem duas séries de afixos pessoais. Uma indexa o sujeito (A) e a outra o objeto (P). Nos verbos transitivos, a escolha da forma do afixo segue uma lógica hierárquica. Os verbos intransitivos, por sua vez, apresentam uma série de afixos de flexão de pessoa que é similar à série que codifica o objeto do verbo transitivo.

Na terceira pessoa, a distinção de número, entre singular e plural, é feita por diferentes prefixos: o singular 3SG *ε-* e plural 3PL *bε-*, que não são marcadas quando o objeto de verbo intransitivo está na terceira pessoa, mas apenas nos contextos ditos “inversos” em que a terceira pessoa age sobre as pessoas participantes do discurso, ou seja, primeira ou segunda pessoas.

Há três primeiras pessoas distintas: a singular 1SG *-jo*, dual/inclusiva 1DU *ga-* e 1PL *ḍza-* plural/exclusiva. Não há em guató uma marca específica para segunda pessoa plural. O prefixo *g<sup>w</sup>a-* (sujeito de verbo transitivo e possuidor) e o sufixo *-he* (sujeito de verbo intransitivo e objeto de verbo transitivo) marcam a segunda pessoa, sem distinção de número. Para a segunda pessoa plural é utilizado *mehē* ‘partícula pluralizadora de segunda pessoa’<sup>16</sup>.

Tabela 2: Marcação de argumento em guató

A/P	1SG	1DU	1PL	2	3SG	3PL	Intransitivo	Posse
1SG	{ŷíná}			-he	-jo	-jo	-jo	a...-ru
1DU		{ŷíná}			ga-	ga-	ga-	gi-
1PL			{ŷíná}	ḍza...-he	ḍza-	ḍza-	ḍza-	hadži-
2	g <sup>w</sup> a...jo		g <sup>w</sup> a-za-	{ŷíná}	g <sup>w</sup> a-	g <sup>w</sup> a-	-he (-rehe)	g <sup>w</sup> a-
3SG	ε...-jo	gε-	zε-	ε...-he	*	ε-	-	ε- ~ i-
3PL	bε...-jo	gε-	zε-	bε...-he	bε-	*	bε-	bi-

Há incorporação do objeto a verbos transitivos: /í-ahó-kú-jo/ OBR-caçar-jacaré-1SG ‘eu tenho que caçar jacaré’ (Palácio 1984: 41, reanalizado). A expressão de propriedades é dada por verbos “descritivos”, os “adjetivos” (palavras 391-419 do vocabulário de Schmidt). Segundo Palácio (1984: 59, 63), estes verbos descritivos podem exercer a função predicativa, levando uma série específica de prefixos verbais e marcas de pessoa similares às dos verbos intransitivos: /n-ák<sup>w</sup>ó-he/ ‘você é branca’ IND-branco-2 (Palácio 1984: 69), ou a função modificadora, ocorrendo na sua forma nominalizada pelo prefixo *go-*, como em /g-óví g-ák<sup>w</sup>ó/ ‘casa branca’ DET-casa DET-branco (Palácio 1984: 94).

<sup>16</sup> Palácio & Rodrigues (1979) e Rodrigues (1983) argumentam que haveria uma semelhança com o sistema pessoal do kadiwéu, decorrente de “contatos”. Tanto sua argumentação histórica quando o “paralelismo tipológico” que ele apresenta em seu artigo são superficiais. Outro paralelismo, que também não deve ser atribuído ao contato, e não sistematizado na época de análise dos autores é o fato de o kadiwéu, assim como o guarani, apresentarem marcação hierárquica de argumento.

O prefixo *go-* e as marcas de pessoa também podem ocorrer com raízes verbais e, nesse caso, possuem uma função nominalizadora. Os verbos aparecem nominalizados em construções com a) o verbo existencial /*gu/* ‘haver’ e b) o quantificador /*mũ~pũ/* ‘muito’ (Palácio 1984: 108-9).

<i>na-gu-gáde</i>	<i>had̄zi-g<sup>vo</sup></i>	<i>g-égĩtí</i>
IND-existencial-HAB	1PL-pescar	DET-peixe
‘foi muitíssimo nossa pesca de peixe’ (Palácio 1984: 109)		

<i>da-mũ-giri-gáde</i>	<i>had̄zi-g<sup>vo</sup></i>	<i>g-égĩtí</i>
DD-muito-INTENS-HAB	1PL-pescar	DET-peixe
‘foi muitíssimo nossa pesca de peixe’ (Palácio 1984: 109)		

Segundo os nossos novos dados, coletados com Eufrásia Ferreira, a nominalização dos verbos também ocorre com /*dítjũmu/* ‘pouco’ e nas construções com numerais:

<i>aro-dítjũmu</i>	<i>mani g<sup>va</sup>a-kunia</i>
DD-pouco	esse 2-vomitou
‘você vomitou pouco’	

<i>dũni óku-ru</i>	<i>mani go-gũ</i>	<i>go-tjũ</i>	<i>go-gũ</i>
dois beber-1SG	esse DET-água	DET-copo	DET-água
‘bebi duas vezes, no copo de água’			

### 5.3 O modo hortativo

Nas entradas (473) <*kĩraugõhégñ*> ‘viajar’, (479) <*kērãgãgũ(ng)*> ‘matar’ e (499) <*kērãgõkũ*> ‘defecar’, Schmidt (1905) traduz os verbos na forma de citação no infinitivo (*reisen*, *töten* e *kacken*). Na verdade, estas sentenças em guató estão na modalidade hortativa e seriam melhor traduzidas como convites e estímulos: “vamos viajar” ou “vamos matar”, como também na frase (39) <*kira gúteradya!*> “vamos embora”. Todas estas sentenças apresentam a estrutura {*kira go~ga-* [verbo]}.

Na lista de frases coletadas em 1928, Schmidt (1942c: 58-9) oferece, na entrada (64), outros exemplos de sentenças com significado hortativo. Pelo menos, em um destes exemplos, <*kera*> é seguido por um substantivo, com o prefixo ‘determinativo’ *go-*: <*kera gokrda!*>, “Vamos beber vinho de palmeira”, ou, na transcrição atual, /*kira g-ókida/* ‘exortativo determinativo-chicha’. Visto que, a construção hortativa pode incluir diretamente um nome, podemos supor que os verbos em construções hortativas também estejam nominalizados pelo prefixo {*ga-/go-*}, como acontece também nas construções existenciais, com quantificadores e com numerais.

Palácio (1984: 113-4, 133) glosa o morfema /*kira/* como ‘ir’, categorizando-o como um verbo intransitivo. Apesar disto, tal morfema aparece apenas em exortações e na construção imperativa *o-kira* ‘vá’, que apresenta o prefixo *o-* ‘imperativo’. Palácio não explica a prefixação de {*g(a)-~go-*} nos verbos, mas, como se pode observar, o uso desses prefixos é recorrente em frases hortativas. Conhecemos um morfema semelhante a esses, a saber, o ‘determinativo’ {*go-*}, utilizado em outros contextos para “nominalizar” verbos. Assim, Palácio (1984: 108-9) descreve que o verbo se torna “oração substantivada” quando é precedido pelo verbo existencial /*gu/* ou pelo quantificador /*mũ~pũ/*, como citamos acima. Neste caso, os verbos levam o determinativo {*go-*} ou os afixos de posse, indicados na tabela 2 acima. Aparentemente,

o mesmo processo de derivação nominal a partir do verbo é exigido para a construção hortativa.

## 5.4 Classificação genética

A língua guató foi agrupada no hipotético tronco Macro-Jê, em um pequeno artigo de divulgação (Rodrigues 1970: 4035), sem apresentar os dados utilizados e suas correspondências com outras línguas. Após o trabalho de Palácio (1984), Rodrigues (1986: 50-1, 55) apresentou cinco cognatos hipotéticos que o Guató compartilharia com outras línguas Macro-Jê, com um pequeno comentário sobre as mudanças sonoras (pp. 53-4). Em seu capítulo de síntese sobre Macro-Jê, Rodrigues (1999) menciona características gramaticais do guató, sem avanço substancial na comparação.

Ribeiro & Voort (2010: 546-7), baseados nos dados de Palácio, observaram que, dada a ausência de cognatos, o guató não deveria ser considerado como Macro-Jê. Portanto, atualmente, o guató é considerado uma língua isolada. Por fim, Martins (2011, 2013) defendeu que a hipótese de Rodrigues não deveria ser descartada, apesar da distância que separaria o guató das outras línguas do tronco Macro-Jê.

## 6 Sobre a tradução

No Brasil, o livro de Schmidt (1905) foi traduzido na sua totalidade por Catharina Baratz Cannabrava (Schmidt 1942a). Apresentamos, aqui, uma nova tradução do capítulo 9 do livro, que trata especificamente da língua guató, feita por Kristina Balykova. Além de fornecer uma considerável lista de palavras e frases, Schmidt foi o primeiro a descrever aspectos morfológicos e fonéticos da língua.

A necessidade de uma nova tradução da parte linguística do livro de Schmidt se justifica, antes de tudo, pelo interesse que o povo guató tem mostrado nos últimos anos em recuperar a sua língua, hoje com apenas dois “lembrantes”, como já dissemos anteriormente ao falar de “revitalização”.

Além disso, a decisão de realizar uma nova tradução se deve ao fato de que cotejamos a de 1942 com o original em alemão e verificamos que algumas das passagens traduzidas para o português são imprecisas quando confrontadas com o texto original. Só para dar alguns exemplos, citaremos o caso da palavra alemã *Laut* que significa ‘som’ e que foi traduzida algumas vezes como ‘fonema’, o que, além de ser conceitualmente incorreto, constitui certo anacronismo, considerando que Max Schmidt escreveu sua obra em 1905, quando o conceito atual de fonema ainda estava sendo formulado (o próprio autor em momento algum utiliza o termo alemão *Phonem*). Outro exemplo é o dos adjetivos *hart* e *weich* que, qualificando as consoantes, foram traduzidas literalmente como ‘duro’ e ‘brando’, enquanto uma tradução mais adequada, nesse contexto, seria ‘surdo/desvozeado’ e ‘sonoro/vozeado’, respectivamente.

A tradutora Catharina Baratz Cannabrava comenta que a editora não teve recursos tipográficos para reproduzir todos os diacríticos empregados pelo autor na transcrição das palavras em Guató. Em contrapartida, na presente tradução todos esses sinais gráficos foram representados tal como aparecem na edição alemã.

## 7 Sobre a formatação

Seguindo a ideia de Schmidt de colocar os dados de Castelnau de modo a compará-los com os seus próprios, esta nova tradução da descrição linguística de Schmidt oferece ao leitor uma atualização e reanálise do seu vocabulário guató.

A fim de estabelecer correspondências entre as palavras apresentados por Schmidt e os coletados nas décadas seguintes, Gustavo Godoy e Walter Alves, anotaram lexemas registrados por pesquisadores posteriores a Schmidt. A principal fonte de informações foi a tese de Palácio (1984), por isso não adicionamos indicação da fonte quando o lexema ou o morfema foi tirado deste trabalho. Quando proveniente de outro trabalho, indicamos entre parênteses a sua origem.

Apresentamos também os novos dados que coletamos no decorrer das pesquisas campos que fizemos recentemente, tendo como informantes os dois últimos semi-falantes, Vicente e Eufrásia. A transcrição dos novos dados introduzidos foi feita de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), colocando o nome do falante após a transcrição.

A nossa análise das frases (em IV) aparece em *itálico e negrito* após a linha interlinear da tradução feita por Schmidt. Esta linha tem como objetivo apresentar quais dos morfemas presentes nas elicitaciones de Schmidt são identificáveis, utilizando os trabalhos posteriores sobre a língua. As lacunas nos textos são indicadas por ?. Infelizmente elas são várias, pois a descrição da língua ainda é parcial e incipiente. As frases em que não aparece a linha em itálico e negrito são as que não conseguimos analisar morfológicamente.

## 8 Animais e plantas registrados no vocabulário

A ave <(ma)tšó > (n.277) chamaria-se “yoko”, mas não achamos contrapartida atual deste nome. A única ave de nome parecido é “iocó-pinim”, uma das formas de chamar o socó-boi (*Tigrisoma lineatum*). Oliveira (2002: 382) identifica como <matchó> outro ardeídeo: o socozinho (*Butorides straiatus*), provavelmente, a mesma espécie anotada por Schmidt. Escolhemos grafar <yoko> como <iocó>, por ser uma forma mais condizente com a ortografia da língua portuguesa.

O “frango d’água (espécie Fulica)” <maguãato>, que corresponderia, segundo esta indicação a um ralídeo, em outros trabalhos é identificado como o frango-d’água-comum (*Gallinula chloropus*) (Oliveira 2002: 271) ou o tapicuru (*Phimosus infuscatus*), que é chamado no Pantanal como frango-d’água (Costa 2015: 203). Perguntando a Vicente, ele indicou uma ave diversa, que gravei nos arredores de sua casa<sup>17</sup> e que seria o coró-coró (*Mesembrinibis cayennensis*), um tresquiornitídeo como o tapicuru.

O “pombo” (n.267) <mabó>, indicado como “específico” no correr do texto, corresponde à ‘juriti’ em Palácio (1984: 131) /m-ábó/, provavelmente do gênero *Leptotila*. A espécie “Escravo de Juan pinto” <makũhe> não foi identificada, sendo João-pinto um icterídeo.

A formiga “carregador” <mukuir> é, evidentemente, a saúva (gênero *Atta*). A formiga <mārómō>, glosada apenas como “formiga” por Schmidt, foi traduzida por Vicente como ‘formiga-de-fogo’, isto é, formiga lava-pés vermelha, *Solenopsis invicta*, se corresponder ao nome comum. Ainda quanto às formigas, no índice adicionamos ao lado da entrada que correspondia a *Ameise* (‘formiga’ em alemão) mais dois números,

<sup>17</sup> <https://youtu.be/jQ9aQzLZJ7c>

referentes às tocanguiras (350 e 351), que não constam nas listadas no índice original em alemão.

O fruto <(ma) t̄si – sibota>, que crescia perto das casas (Schmidt 1942a: 163) , é indicado como importante na subsistência e como uma grande árvore presente na morada do guató Timóteo, na povoação de Figueira, por onde Schmidt (1942a: 113, 114, 117 [1905]) passou em sua primeira viagem. Esta é o siputá ou sapatá, *Salacia elliptica*, <matchi> na grafia de Oliveira (2002: 381, 1995: 145).

O “runcador” que, na tradução anterior, aparecia com uma nota de Rodolfo Garcia como “desconhecido” é a planta roncador, *Mouriri guianensis*, (Pott & Pott 1994).

Observando o léxico de animais em guató fica clara a existência de um morfema {g<sup>w</sup>a-} que indica algum tipo de similitude, compare: <máto> ‘carão’ e <maguáato> ‘coró-coró’; <mibó> ‘pato’ e <magvébo> ‘marreco’; <mipába> ‘amassa-barro (espécie 1)’ e <mãguanipaaba> ‘amassa-barro (espécie 2)’; <muga> ‘maguari (espécie 1)’ e <máguôôgã> ‘maguari (espécie 2)’. Em várias espécies registradas nas listas mais recentes este padrão se repete, mas não conseguimos especificar o sentido do morfema.

## Referências

- Bespalez, Eduardo. 2015. Arqueologia e história indígena no Pantanal. *Estudos Avançados* 29(83): 45–86.
- Bolland, Henry. 1901. *Exploraciones practicadas en el Alto Paraguay y en la laguna Gaiba por el capitán de marina Enrique Bolland, de orden y por cuenta del gobierno de Bolivia. Fundación de un puerto*. Buenos Aires: Compañía sudamericana de billetes de banco.
- Cabeza de Vaca, Alvaz Núñez. 1555. *La relación y comentarios del gobernador Alvar nuñez cabeza de vaca de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias*. Valladolid: Francisco Fernández de Córdoba.
- Castelnau, Francis de. 1949 [1851]. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Combès, Isabelle. 2008. Planchas, brazaletes y hachuelas: las rutas prehispánicas del metal andino desde el Guapay hasta el Pantanal. *Revista Andina* 47: 53–76.
- Combès, Isabelle. 2010. *Diccionario étnico: Santa Cruz la Vieja y su entorno en el siglo XVI*. Oruro: Instituto de Misionología - Editorial Itinerarios.
- Costa, Anna Maria Ribeiro F. M. 2015. Guató: povo das águas. In Gabriela Chamorro e Isabelle Combès (eds.), *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: História, cultura e transformações sociais*, pp. 199–215. Dourados: Ed. UFGD.
- Díaz de Guzmán, Ruy. 1835 [1612]. “Historia argentina del descubrimiento, población y conquista de las Provincias del río de la Plata” In: Pedro de Angelis (org.) *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del río de la Plata, Tomo I*, pp. 1-156. Buenos Aires: Imprenta del Estado.
- Florence, Hercule. 1948 [1875]. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. São Paulo: Edições Melhoramentos.

- Godoy, Gustavo e Bruna Franchetto. 2017. Primeiros passos da revitalização da língua guató: Uma etnografia. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro* 13(1): 281–302.
- Heckenberger, Michael. 2002. "Rethinking the Arawakan diaspora: hierarchy, regionality, and the Amazonian formative". In: J. D. Hill e F. Santos-Granero (eds.), *Comparative Arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*, pp. 99-122. Urbana: University of Illinois Press.
- Holanda, Sérgio Buarque de. 2014. O extremo oeste. In: L. de Mello e Sousa e A. S. Cerqueira (eds.), *Monções e Capítulos de expansão paulista*, pp. 21–196. São Paulo: Companhia das Letras.
- Julien, Catherine. 2007. Kandire in real time and space: Sixteenth-century expeditions from the Pantanal to the Andes. *Ethnohistory* 54(2): 245–272.
- Koslowsky, Julio. 1895. Tres semana entre los indios Guatós: Excursión efectuada en 1894. *Revista Del Museo de La Plata* 6: 221–250.
- Magalhães, Jose Vieira Couto de. 1874. Ensaio de anthropologia: região e raças selvagens do Brasil: memoria onde se estuda o homem indigena debaixo do ponto de vista physico e moral, e como elemento de riqueza, e auxiliar para acclimação do branco nos climas intertropicaes. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & C.
- Martins Andrébio M. S. 2011. *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o guató e o tronco macro-jê*. Universidade de Brasília: Tese de doutorado.
- Martins, Andrébio M. S. 2013. O morfema  $\epsilon$  do Guató: De uma possível marca de ergatividade à marca de concordância. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 5(2) 435–451.
- von Martius, Karl F. P. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens. II. Glossaria linguarum Brasiliensium*. Leipzig: Friedrich Fleischer.
- Michael, Lev. 2011. Arawakan linguistics and Max Schmidt's account of Arawak expansion. Ms., UC Berkeley.
- Oliveira, Jorge Eremites de. 1995. *Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- Oliveira, Jorge Eremites de. 2002. *Da pré-história à história indígena: (Re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do pantanal*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Oliveira, Jorge Eremites de. 2004. *Arqueologia das sociedades indígenas no Pantanal*. Campo Grande: Ed. Oeste.

- Palácio, Adair Pimentel. 1984. *Guató: a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP / IEL.
- Palácio, Adair Pimentel. 1986. Aspects of the morphology of Guató. In B. F. Elson (ed.), *Language in global perspective*, pp. 363–374. Dallas: Summer Institute of Linguistics.
- Palácio, Adair Pimentel. 1991. Flexão em guató. *Investigações - Lingüística e Teoria Literária* 1: 7–18.
- Palácio, Adair Pimentel. 1996. Sistema numeral em guató. *Abralin - Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* 19: 51–56.
- Palácio, Adair Pimentel. 2004. Alguns aspectos da língua Guató. *LIAMES* 4(1): 161–168.
- Palácio, Adair Pimentel e Aryon D. Rodrigues. 1979. *Marcadores de pessoas em Guató e Kadiwéu*. Comunicação apresentada na 18ª Reunião do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo.
- Postigo, Adriana Viana. 2009. *Fonologia da língua Guató*. Dissertação de mestrado. Três Lagoas: UFMS.
- Pott, Arnildo e Vali J. Pott. 1994. *Plantas do Pantanal*. Corumbá: Embrapa-SPI.
- Ribeiro, Eduardo e Hein van der Voort. 2010. Nimuendajú was right: The inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics* 76(4): 517–570.
- Rodrigues, Aryon D. 1970. Línguas ameríndias. In *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, pp. 4034–4036). Rio de Janeiro: Editora Delta.
- Rodrigues, Aryon D. 1983. Typological parallelism due to social contact: Guató and Kadiwéu. In *Proceedings of the ninth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 218–222. Berkeley: Berkeley Linguistics Society.
- Rodrigues, Aryon D. 1986. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- Rodrigues, Aryon D. 1999. Macro-Jê. In: Alexandra Aikhenvald e R.M.W. Dixon (eds.), *The Amazonian languages*, pp. 165–206. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rondon, Frederico. 1938. *Na Rondônia ocidental*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional.
- Schmidt, Max. 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900 bis 1901*. Berlin: Dietrich Reimer.
- Schmidt, Max. 1912. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift Für Ethnologie* 44: 130–174.

- Schmidt, Max. 1914. Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv: Beiträge Zur Volkekunde*, 4(6).
- Schmidt, Max. 1917. *Die Aruaken: ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung. Studien zur Ethnologie und Soziologie; Heft 1*. Leipzig: Veit & Comp.
- Schmidt, Max. 1942a [1905]. *Estudos de etnologia brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos*. Trad. Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Schmidt, Max. 1942b. Resultados da minha expedição bienal a Mato-Grosso: De setembro de 1926 a agosto de 1938. *Boletim Do Museu Nacional XIV-XVII*: 241-285.
- Schmidt, Max. 1942c. Resultados de mi tercera expedición a los guatos efectuada en el año de 1928. *Revista de La Sociedad Científica Del Paraguay* 5(6): 41–75.
- Schmitz, Pedro I. e Jairo H. Rogge. 2015. 8.400 anos de ocupação indígena nas margens do rio Paraguai. In: G. Chamorro e I. Combès (eds.), *Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: História, cultura e transformações sociais*, pp. 37–50. Dourados: Ed. UFGD.
- Susnik, Branislava. 1978. *Etnologia del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- Wilson, Jim. 1959. *Guató word list*. Summer Institute of Linguistics (SIL). Brasília-DF.



# Guató: A língua

Max Schmidt

## I. Panorama geral

O material linguístico de que disponho é o resultado da minha convivência de três semanas com os Guató na região das lagoas Gaíva e Uberaba em outubro e novembro do ano de 1901<sup>18</sup>.

A maioria das palavras foi estabelecida com base nos objetos, atividades e características correspondentes, sendo mais tarde controlada na língua portuguesa com a ajuda da índia Guató Rosa, minha acompanhante nessa pequena expedição.

As frases 2 a 34 também provêm de Rosa e foram registradas quando eu pedia a ela que conversasse comigo devagar, como se eu fosse um estrangeiro falante da sua língua que veio visitá-la. Somente depois disso, pedi que ela traduzisse as frases assim anotadas para o português. Dessa maneira, evitei obter uma mera tradução de expressões do português, por si mais ou menos estranhas aos índios e que, porém, muitas vezes constituem a base de investigações linguísticas.

É evidente que o processo mental inteiro difere, dependendo se o índio falante de uma língua europeia se expressa nessa ou na sua língua materna. Chamam bastante atenção os índios que por um tempo estiveram em contato com a cultura europeizante e se tornaram portadores de duas esferas de ideias diferentes: primeiro, da nativa e, depois, da que se aproxima de fora. Eles não aprendem a língua estrangeira como a tradução da sua própria, mas a assimilam de modo paulatino, em conexão aos novos conceitos com que se deparam no novo ambiente.

Entre os Guatós, há costume de enviar os filhos que passaram pela puberdade fazerem serviço para os colonos brasileiros por algum tempo. Lá os jovens entram em relações totalmente novas e, ao mesmo tempo em que conhecem essas relações, aprendem também a nova língua. Caso mais tarde eles consigam se livrar das dívidas para com os patrões, eles voltam, depois de anos, à floresta, ao seu ambiente antigo, à sua esfera de ideias antiga e à sua língua antiga. Naturalmente, as antigas relações nativas e a antiga esfera de ideias são influenciadas, de modo considerável, pela chegada dos indivíduos familiarizados com as relações do mundo alheio. Porém, falta muito para que essa influência atinja os Guató em massa, de maneira que não há uma nítida separação entre um Guató que vive na sua tribo e um Guató que vive no meio dos brasileiros. E justamente essa separação pode ser tão fatal para um pesquisador antropólogo, pois, caso ele não assimile os costumes dos índios, entre os quais se encontra, ele verá o aborígine como um europeu ou um brasileiro o faria, ou seja, não na sua qualidade de índio e sim na sua segunda recém-adquirida qualidade de brasileiro. Quando solicitado, o índio esclarecerá suas próprias relações de um ponto de vista europeizado e reproduzirá sua própria língua em forma de uma tradução do português. Mas uma penetração na essência da língua aborígine só é possível através do registro que refletiria a maneira como os nativos realmente falam no seu ambiente.

Para reproduzir a maneira de conversar e, com isso, oferecer uma amostra da esfera de ideias dos Guató, apresento aqui a tradução de algumas frases, que, mais adiante, serão, quando possível, analisadas linguisticamente<sup>19</sup>:

---

<sup>18</sup> Comparar com minha palestra em *Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft*. Reunião do dia 15 de fevereiro de 1902, a partir da pág. 77. (Nota do autor)

<sup>19</sup> Estas sentenças em Guató coletadas por Schmidt estão presentes na sua lista de frases (seção IV, entre os números 2 e 34, pp. 69-78). Nesta lista, o autor oferece uma linha de tradução para o português, junto

“Quando você estava viajando, como foi? O que você viu no rio? Estava navegável, por onde andaste? O pessoal de lá está bem agora? Quanta gente você viu? Quando você estava viajando, o rio estava longe? Para onde vai agora? Quando você vem outra vez? Quando você vem outra vez aqui para trazer algumas coisas para nós? Agora nunca mais você vai voltar. Para onde você vai é muito distante. Quando chegar lá na sua casa, você não vai mais voltar para cá. Mesmo se você quiser, você não vai voltar tão cedo.

Como é lá na sua banda? Lá é bonito? Sua banda tem bastante gente? Na sua banda, tem muita gente? Tem muitas casas? Aqui, nesta banda, você está muito distante. Não sabíamos que você chegaria aqui. Quem é quem sabia que você queria aparecer por aqui? Agora você já está indo embora. Você apareceu aqui vindo de tão longe. As pessoas daqui não querem ir até a sua banda, elas não viajam tão longe. As pessoas daqui não vão muito longe. Por isso, elas não viram nada, essas pessoas não viram nada. Mesmo se alguém quiser ir até lá, não chegará. É longe o lugar donde você vem, por isso as pessoas não querem ir lá. Não tem ninguém que tenha viajado como você, que viaja para longe. As pessoas daqui não vão para longe, por isso não sabem como são outros lugares.

Donde você vem é longe. Lá na sua banda tem muito gado? Quando você chegar, sua mãe vai chorar, ela vai perguntar por onde você andou e se o caminho estava trafegável. Ela vai perguntar: o que você viu por aí? Por onde você andou é longe ou é perto? É parecido com aqui ou é diferente? Lá é trafegável? Você vai contar tudo o que viu por aqui, algumas das coisas que viu por aqui.”

## II. Formação de palavras

O que distingue a língua Guató de todas as outras línguas indígenas sul-americanas que atualmente se tornaram mais conhecidas é a simplicidade da formação de palavras e de frases. Uma parte considerável do léxico Guató consiste de radicais monossilábicos acrescidos do prefixo *ma-*, cujo uso é quase universal. Por outro lado, uma grande quantidade dos radicais polissilábicos pode ser decomposta, com bastante segurança, em elementos conceituais monossilábicos, de maneira que, em minha opinião, não iremos longe demais se admitirmos que as palavras polissilábicas do Guató sempre constituam uma composição de algumas raízes monossilábicas e, com isso, até caracterizarmos o Guató como uma língua monossilábica.

Em cada caso específico, os conceitos reunidos em uma frase representam um mosaico colorido de tais raízes monossilábicas, que, em diversas combinações, podem ter funções verbais, nominais, pronominais ou ainda funções de partícula de alguma espécie. Porém, a principal dificuldade em explicar o mosaico linguístico assim constituído está nas variações fonéticas sofridas pelas raízes em função das características das raízes vizinhas, tanto no âmbito das consoantes como no das vogais.

### 1. Radicais monossílabos

Para mostrar melhor como os conceitos mais relevantes nas relações cotidianas dos Guató são designados por meio de radicais monossilábicos, apresentarei em diante um sumário das palavras do meu vocabulário que são diretamente monossilábicas, como os

---

com o alemão interlinear. Na presente seção, *Panorama geral*, seu alemão difere um pouco do exposto na tradução interlinear da seção IV, assim, fizemos uma tradução que não é idêntica à linha interlinear do português de Schmidt, como sugerido pelos revisores. (Nota de T.)

termos de parentesco, ou que exibem um radical monossilábico após a supressão do prefixo abstrato *ma-* ou do pronome (quase sempre, da 3ª pessoa) que ocupa o lugar desse prefixo. Das palavras em que a vogal *a* do *ma-* é substituída pela *i*, *o* ou *u*, registrei aqui só aquelas em que essa alteração parece se basear na simples harmonia vocálica. Por outro lado, os numerosos casos em que essa alteração poderia também basear-se na contração do *ma-* com a primeira sílaba do radical não foram considerados.

### Radicais monossilábicos

#### 1. Partes do corpo

- (*ma*) *tšió* – boca
- (*ma*) *kuá* – dente
- (*i*) *rčĕ* – olho
- (*ma*) *ve* – orelha
- ma* (*to*) – pescoço
- ma* (*ra*) – mão
- ma* (*po*) – braço
- ma* (*bo*) – pé
- (*i*) *pe* – fígado
- (*ma*) *deu*<sup>20</sup> – carne
- (*ma*) *fčĕ* – pele
- (*ma*) *kír* – cabelo

#### 2. Fenômenos de natureza

- (*ma*) *bír*<sup>o</sup> – estrela
- (*ma*) *včĕ* – chuva
- (*ma*) *fi* – noite
- (*ma*) *gũ(ng)* – água
- (*ma*) *tá* – fogo
- (*mo*) *kué* – lenha
- (*ma*) *kú* – pedra

#### 3. Etnografia

- (*ma*) *nĩ(ng)* – barco
- (*ma*) *kũ(ng)* – remo
- (*ma*) *kó* – machado de pedra
- (*ma*) *tũ(ng)* – jarro de barro
- (*mi*) *k(i)r*<sup>o</sup> – panela
- (*ma*) *guá(a)* – concha com que se come
- (*ma*) *há* – concha de caracol com que se bebe
- (*má*) *pir* – broca para fazer fogo
- (*ma*) *bó* – tabaco
- (*i*) *tšá* – corda da viola
- (*i*) *tšió* – orifício da viola
- (*ma*) *džúrr* – lança
- (*e*) *mũ(ng)* – gastão do fuso
- (*ma*) *fčĕ* – camisa
- (*ma*) *chie*<sup>21</sup> – flecha

<sup>20</sup> *madeu* é grafia francesa utilizada por Castelnau. A combinação de letras *-eu-* do vocabulário de Castelnau corresponde à minha combinação *-ir-*. (Nota do autor)

## 4. Parentesco

*bé* – filho*io* – filha*pá* – irmão do pai*mé* – irmão da mãe*kuir* – irmã do pai ou da mãe*nga* – neto(a)*(ma) dčé* – marido

## 5. Animais

*(má) ku* – macaco*(ma) po* – porco*(mi) t(i)r* – cervo do pantanal*(ma) h(i)r* – anta*(mi) pi* – tatu*(ma) k(i)r* – capivara*(má) hi* – jacutinga*(ma) dží(r)* – anhumá*(ma) tũ(ng)* – ema*(ma) bô* – pombo*(ma) hí(r)* – tuiuiú*(ma) tšó* – iocó*(má) to* – carão*(má) kě* – biguatinga*(má) d(i)r* – cascudo (peixe)*(ma) pír* – pintado*(ma) tší* – peixe semelhante ao pintado*(má) pí* – rubafo (peixe)*(ma) ié* – mosca*(ma) ka* – mosquito*(mu) kuir* – saúva (formiga carregadeira)

## 6. Plantas

*(ma) dár* – árvore, madeira*(ma) má* – mandioca*(mú) ku* – árvore jatobá*(ma) tši* – fruto de siputá*(ma) dó* – tarumã

## 7. Verbos

*(má) ho* – cantar*(gua) va* – você vai*(má) tšia* – espirrar*(gua) tšír* – você vê

---

<sup>21</sup> Ortografia francesa, de Castelnau. O *chie* do vocabulário de Castelnau corresponde ao meu *tši*. (Nota do autor)

Esse sumário evidencia que 69 dos 390 substantivos do vocabulário, ou seja, cerca de um sexto, apresentam radicais monossilábicos, ao passo que dos 47 verbos do vocabulário o radical monossilábico pode ser comprovado em quatro.

Já nessas palavras com radicais monossilábicos fica saliente que, com bastante frequência, a mesma sílaba formadora do radical é usada para expressar vários conceitos, muitas vezes, totalmente distintos. É claro que o fato de o radical *tšió* poder significar tanto ‘boca’ quanto ‘orifício do violão’ se explica pela simples união em um único conceito Guató dos dois conceitos separados em nossa língua. A boca constitui o orifício do corpo humano que mais salta aos olhos e do qual saem os sons, assim como saem as notas do orifício redondo do violão.

Para o nosso próprio sentimento linguístico também é fácil abranger ambos os conceitos em um único conceito comum. Porém, jamais será possível determinar com total certeza, por métodos puramente linguísticos ou dedutivos, como se caracteriza a relação desse conceito comum com cada conceito separado. Não se pode dizer de imediato se o conceito relativo à ‘boca’ apareceu antes e, em seguida, foi transferido para o conceito de ‘orifício’ do violão, pela correspondência entre este e a boca humana, ou se, ao contrário, o conceito geral de ‘orifício’ foi apenas posteriormente aplicado à designação da parte do corpo humano em questão, ou se, por fim, teve lugar uma terceira possibilidade na qual os dois conceitos com seus sentidos especializados surgiram de um conceito mais abstrato e supraordenado a eles.

Semelhantes ao conceito *tšió* ‘boca’, ‘orifício’ são os *(ma) fǣ* ‘pele’, ‘camisa’ e *(ma)dár* ‘árvore’, ‘madeira’. Nesses dois casos, os conceitos evidentemente parecidos correspondem aos radicais formados pelos mesmos sons. É claro que *(ma) fǣ* só pode ter adquirido o significado de ‘camisa’ com o conhecimento do vestuário europeu, embora essa transformação possa ter ocorrido há séculos atrás se levarmos em conta a primeira penetração dos europeus nas áreas habitadas pelos Guató.

A analogia literal sem uma explicação tão simples é aquela encontrada em um número maior de radicais monossilábicos, nos quais o som que denota uma parte do corpo humano ou algum objeto cotidiano ou também um grau de parentesco constitui, ao mesmo tempo, o radical para designar algum animal ou alguma planta. Podemos ver isso nas seguintes palavras:

*(ma) tó* ‘pescoço’ e *(má) to* ‘carão (ave)’,  
*(ma) ve* ‘orelha’ e *(ma) vaé* ‘cachorro’,  
*(ma) kú* ‘pedra’ e *(má) ku* ‘macaco’,  
*(má) pír* ‘broca para fazer fogo’ e *(ma) pír* ‘pintado (peixe)’,  
*(ma) chie*<sup>22</sup> ‘flecha’ e *(ma) tši* ‘peixe parecido com pintado’,  
*(ma) tũ(ng)* ‘jarro de barro’ e *(ma) tũ(ng)* ‘ema’,  
*(ma) pó* ‘braço, barriga’ e *(ma) po* ‘porco’,  
*(ma) bó* ‘pé’ e *(ma) bǒ* ‘pombo’ (específico),  
*(ma) deu*<sup>22</sup> ‘carne’ e *(má) d(i)r* ‘cascudo (peixe)’,  
*(ma) kír* ‘cabelo’ e *(ma) k(i)r* ‘capivara’,  
*(mi) k(i)r* ‘panela’ e *(mi) k(i)r* ‘papagaio’,  
*kuir* ‘irmã’ e *(mu) kuir* ‘carregador’,  
*(ma) kú* ‘pedra’ e *(mú) ku* ‘árvore jatobá’,  
*(ma) chie*<sup>22</sup> ‘flecha’ e *(ma) tši* ‘fruto de siputá’

<sup>22</sup> Baseado na ortografia francesa. Conferir as notas 20 e 21 acima. (Nota do autor)

À diferença dos casos anteriores, nos 14 pares citados, a semelhança literal dos dois radicais relativos a objetos totalmente distintos não permite subordinar esses objetos a um conceito comum supraordenado com certeza absoluta, pelo menos, não em todos os casos.

O fato de o carão, o íbis com seu longo pescoço, corresponder ao conceito contido na palavra ‘pescoço’ seria eventualmente explicável, assim como o fato de a palavra para ‘cachorro’ corresponder ao vocábulo para o órgão sensorial muito desenvolvido nesse animal. Os orifícios redondos da broca para fazer fogo dispostos em uma fileira também poderiam corresponder, com bastante probabilidade, às manchas redondas que cobrem os dois lados do corpo do peixe pintado, assim como seu nome na língua portuguesa se deve também a essas manchas. Em todo caso, com isso se esgotam as tentativas de explicar os radicais monossilábicos que sejam óbvias até certa medida, embora vejamos mais adiante que, em muitos outros casos, os traços característicos de um animal foram decisivos para a nomeação da sua espécie em geral.

De qualquer modo, a partir do material linguístico e etnológico disponível não se pode comprovar, por exemplo, se há ou já houve alguma relação conceitual entre o grande jarro de barro usado para a conservação e o resfriamento da água e a ema, o avestruz sul-americano. O mesmo vale para o que a panela de barro, o papagaio, o cabelo e a capivara possam ter a ver um com o outro. Em alguns casos, a influência definitiva sobre a semelhança entre os radicais pode ser atribuída às mudanças fonéticas, tratadas em detalhes mais adiante, ou, talvez, a fatores totalmente distintos. Assim, o conceito que está na base da palavra *ma kú* ‘pedra’, evidentemente, não possui relação nenhuma com a palavra *má(ku)*, que designa uma determinada espécie de macacos e pode estar ligada ao som do grito característico para certos tipos de macacos das florestas sul-americanas.

Entre as semelhanças fonéticas dos radicais lexicais referentes a plantas e outros radicais é interessante o caso da palavra *(mú)ku*, que designa a árvore jatobá, tão apreciada pela sua madeira dura como pedra, e cujo radical é o mesmo que transmite o conceito ‘pedra’.

De qualquer modo, é certo que a língua guató sabe distinguir muito bem os radicais com a pronúncia idêntica e significados diferentes. Em primeiro lugar, ela utiliza o acento, que, na maior parte dos radicais considerados, cai na sílaba do radical ou no prefixo, dependendo do significado. Como o segundo fator na distinção desses radicais com a pronúncia idêntica acrescenta-se o fato de que, na maior parte das vezes, as palavras que designam objetos de uso cotidiano ou partes do corpo exibem, dentro da oração, uma relação pronominal determinada por cada caso específico e não o prefixo *ma-* abstratizante, que raramente aparece com tais palavras. Este último, por sua vez, ocorre de modo geral e, talvez, exclusivo com as palavras que designam espécies de animais. Além disso, em cada caso específico, conclui-se com facilidade do contexto qual dos dois significados, tão diferentes entre si, o falante quer pôr na palavra em questão.

Um fenômeno tão marcante quanto o som idêntico dos radicais relativos a objetos diferentes constituem semelhanças fonéticas, que muitas vezes aparecem nos radicais monossilábicos e, sobretudo, nos que também designam conceitos aparentados, de maneira que pode-se perguntar até que ponto essa semelhança fonética se baseia no parentesco conceitual.

*(Ma)gũ(ng)* significa ‘água’, enquanto *(ma)kũ(ng)* é a palavra para ‘remo’, um conceito estritamente ligado à água. A mediação das palavras *(ma)džéekũ(ng)* ‘rio’ e *moreekũ(ng)* ‘baía’ proporciona uma explicação simples dessa semelhança marcante entre os radicais referentes aos dois conceitos aparentados. Salta aos olhos que a

diferença entre o *gũ(ng)* ‘água’ e o *kũ(ng)*, contido nas palavras *(ma)džeeékũ(ng)* e *moreekũ(ng)*, se deve, ao menos, inicialmente apenas a uma mudança fonética, pela qual o *g* se transformou no *k* ou vice versa, pois o *kũ(ng)* dessas duas palavras corresponde de modo claro ao *gũ(ng)* ‘água’, no que concerne o campo conceitual. Portanto, as sequências sonoras *kũ(ng)* e *gũ(ng)* devem ter designado originalmente o mesmo conceito, explicando de maneira fácil o fato de que a língua escolheu para a designação do ‘remo’, um artefato ligado à água do rio e das suas baías, a forma *kũ(ng)* ou *gũ(ng)*, a mesma que se encontra nas palavras compostas que designam ‘rio’ e ‘baía’.

Há uma relação semelhante entre o parentesco fonético e conceitual das seguintes palavras:

<i>(ma)bír°</i> – estrela	<i>(má)pir</i> – broca para fazer fogo
<i>(ma)guá(a)</i> – concha (com a qual se come)	<i>(ma)kuá</i> – dente

e, talvez, das seguintes:

<i>(ma) fĕ</i> – pele	<i>(ma)ve</i> – orelha
<i>(ma)po</i> – barriga, braço	<i>(ma)bo</i> – pé

Nesses quatro pares de palavras, a diferença entre as sequências sonoras correspondentes também sempre reside no fato de que a consoante que inicia a sílaba do radical se pronuncia como surda em um caso e como sonora no outro. Porém, o parentesco conceitual das palavras próximas pelo som não se verifica de modo bastante claro para que possamos tirar conclusões seguras nesses casos. De qualquer maneira, a ligação conceitual entre a estrela e a broca para fazer fogo pode ser entendida se também citarmos a título de comparação a palavra *na(a)pir°* ‘quente’. No caso das palavras *(ma)guá(a)* ‘concha’ e *(ma)kuá* ‘dente’, o parentesco conceitual correspondente ao parentesco fonético pode ser facilmente deduzido da marcante semelhança entre o material dos dois objetos, tanto na sua aparência como na sua composição.

É notável também a semelhança sonora entre *(ma)da(r)* ‘árvore, madeira’ e *(ma)tá* ‘fogo’, se levarmos em conta que naquela região a madeira das árvores, ou o que possui uma relação conceitual com ela, é a única matéria realmente considerada na manutenção do fogo.

Resta ainda mencionar a semelhança sonora que, talvez, corresponda a um parentesco conceitual entre os radicais *(ma)kú* ‘pedra’, *makó* ‘machado de pedra’ e *(ma)kuá* ‘dente’. Enquanto esses casos são inseguros demais para embasar quaisquer conclusões, eles só podem servir para estimular investigações linguísticas futuras nessa direção.

## 2. Derivação dos radicais polissilábicos das raízes monossilábicas

A primeira firme evidência para a identificação das raízes monossilábicas em palavras compostas constituem os radicais monossilábicos, tratados em detalhes acima, nos quais a raiz e o radical coincidem, de maneira que o conceito correspondente a uma raiz pode ser diretamente deduzido do significado do radical relacionado. Assim, quando encontramos o significado dos radicais polissilábicos segundo as raízes constituintes e quando esse significado aponta claramente para a existência de uma relação conceitual interna entre a palavra polissilábica e as raízes monossilábicas integrantes daquela

palavra, podemos concluir que a essa relação conceitual corresponde uma composição das raízes monossilábicas em questão.

Por exemplo, temos as três seguintes palavras:

1. *(ma)guá(a)* ‘concha com a qual as mulheres tomam sopa’;
2. *(ma)gua(a)dá* ‘colher de madeira com a qual os homens tomam sopa’;
3. *(ma)dá(r)* ‘madeira’.

Ambos os artefatos citados sob os números 1 e 2 servem ao mesmo fim, assim como são semelhantes em formato e tamanho, exceto o cabo, cujo formato distingue a concha da colher de madeira. A diferença fundamental está no material e, em razão disso, concluímos que o composto, claramente posterior, *(ma)gua(a)dá* foi formado por meio do acréscimo da raiz *da(r)* ‘madeira’ ao *(ma)guá(a)*.

Como depreendemos, em particular, do próprio vocabulário, encontramos em um grande número de radicais polissilábicos as sequências sonoras de raízes, que nos são conhecidas dos radicais monossilábicos. Esse fato nos leva facilmente mais adiante no caminho de identificação dos constituintes nos radicais compostos. Vimos na seção anterior como, muitas vezes, a um parentesco conceitual de dois conceitos corresponde um parentesco fonético. No caso dos radicais polissilábicos, podemos observar como o parentesco conceitual é marcado foneticamente, por meio da semelhança de certas sílabas, das quais algumas, mas não todas, como no exemplo acima, também constituem por si só um radical com um significado definido. Agora faremos mais um passo em relação ao dito e suporemos que, do mesmo modo, no caso dos radicais que expressam conceitos até certo ponto aparentados, porém diferentes, e que contêm certas sílabas surpreendentemente idênticas, a essas sílabas também deve ser atribuído um valor conceitual próprio, mesmo que seja provado que elas não ocorrem como radicais independentes.

<i>ma</i>				<i>ra</i>					mão
<i>ma</i>					<i>bo</i>				pé
<i>ma</i>		<i>tša</i>			<i>bo</i>				planta do pé
<i>ma</i>		<i>tša</i>	<i>da</i>		<i>bo</i>				dedo do pé
<i>ma</i>		<i>tša</i>	<i>da</i>	<i>ra</i>					dedo da mão
<i>ma</i>	<i>te</i>	<i>ya</i>		<i>ra</i>					unha do dedo da mão
<i>ma</i>	<i>te</i>	<i>ža</i>			<i>bo</i>				unha do dedo do pé
<i>ma</i>							<i>da(r)</i>		madeira
<i>ma</i>						<i>gua(a)</i>	<i>da</i>		colher de madeira
<i>ma</i>						<i>gue</i>		<i>vai</i>	colher de metal
<i>ma</i>		<i>tša</i>	<i>da</i>			<i>gue</i>		<i>vai</i>	garfo de metal

No esquema acima, foram reunidas algumas palavras que representam da melhor maneira o significado conceitual das sílabas separadas.

Das oito<sup>23</sup> sílabas separadas em colunas, quatro já nos são conhecidas através dos radicais monossilábicos: *ra* ‘mão’, *bo* ‘pé’, *da(r)* ‘madeira’ e *gua(a)* ‘concha para comer’. Podemos considerá-las como grandezas dadas e, subtraindo-as das palavras nas quais se encontram, podemos tirar conclusões a respeito do significado das sílabas restantes. Assim, *tša da* junto com *ra* ‘mão’ significa ‘dedo’, já com *gue vai* ‘colher’

<sup>23</sup> Separei o *da* da coluna 3 do *da(r)* da coluna 7, pois nenhuma relação conceitual pode ser reconhecida entre essas sílabas com a pronúncia idêntica. (Nota do autor)



significa ‘garfo’. Portanto, as sílabas *tša da* devem expressar algum conceito que corresponde tanto aos dedos da mão quanto aos dentes do garfo.

Dessas duas sílabas, vemos *tša* ocorrer sem *da* subsequente no radical *tša(a) bó* ‘planta do pé’. Infelizmente, no meu vocabulário está faltando a palavra para a palma da mão. Porém, de acordo com o esquema representado, podemos supor com bastante certeza que esse conceito se expressaria por *mu tša(a) ra*.

A maneira como essa segmentação dos radicais polissilábicos em raízes monossilábicas com um valor conceitual se manifesta em toda a língua Guató pode ser apreendida a partir dos itens lexicais fonética e conceitualmente aparentados, oferecidos para fins de comparação após cada palavra do meu vocabulário. (Comparem, em especial, os números 1, 39, 68, 101, 119, 364 e 365 do meu vocabulário).

A composição das raízes monossilábicas se mostra particularmente clara nos nomes de parentesco (os números 191-216 do meu vocabulário), os quais ainda exibem outra peculiaridade: através da duplicação de uma sequência sonora correspondente a um conceito, aparecem novos conceitos, a saber:

*mé* ‘irmão da mãe’  
*me mé* ‘mãe’  
*bá pa* ‘pai’  
*pá* ‘irmão do pai’  
*(ma) džé* ‘marido’  
*dě(e) té* ‘pai do marido’

Compare também: a palavra *(mu) guā(a) kuá* ‘pacu (peixe)’, que claramente contém duas vezes a raiz *kuá* ‘dente’, tão característica para o peixe conhecido por seus dentes afiados.

### 3. Sons e mudanças fonéticas

Podemos considerar uma consoante simples e uma vogal simples ou dupla subsequente como as partes constituintes de uma sílaba típica da língua Guató (por exemplo, *ma ra* ‘mão’ e *ma kuá* ‘dente’). O número dessas consoantes simples é reduzido, já que as consoantes *l*, *s* e *z* nunca ocorrem. Portanto, restam as seguintes consoantes simples que compõem o alfabeto: *b*, *d*, *f*, *g*, *h*, *k*, *m*, *n*, *p*, *r*, *t*, *v*, *š*, *ž*, *y*.

As únicas consoantes duplas que constituem a exceção à regra geral são *tš*, *dž*, e *dy*, sendo que todas as três possuem uma ligação estreita entre si, como será mostrado abaixo. Não podemos considerar o frequente som *gn* como uma consoante dupla em função da sua sonoridade vocálica.

As únicas consoantes que ocorrem no final da sílaba são *n*, mais raramente *m* e muitas vezes *r*. (Compare, por exemplo, *mun do kuir* ‘cabeça’). Porém, parece que essa exceção à regra é apenas secundária, tendo surgido por meio de mudanças fonéticas, tais como metátese ou assimilação, nas sílabas que originalmente correspondiam à regra geral.

Entre as vogais, ao lado das simples *a*, *ã*, *e*, *i*, *o* e *u*, ocorrem as seguintes vogais duplas:

*aa, ai,*  
*ea, ee, eu,*  
*ia, ie, iu,*  
*oa,*  
*ua, ue, ui.*

Além disso, as *i* e *u* ocorrem nasalizadas como *ĩ* e *ũ*.

Já nas observações anteriores, eu fiz várias menções às mudanças fonéticas. As formas muitas vezes imprevisíveis dessas mudanças explicam, antes de tudo, o fato de que conseguimos estabelecer uma composição de raízes claramente definidas apenas em algumas palavras, enquanto em outras, a composição se torna cada vez mais obscura.

As mudanças fonéticas que atingem as raízes monossilábicas dentro de um radical polissilábico podem, naturalmente, dizer respeito às consoantes e também às vogais.

Das mudanças do primeiro tipo, podemos verificar a frequente sonorização das consoantes surdas, por exemplo, *f* → *v*, sendo que em alguns casos essa sonorização é acompanhada pela transformação em uma consoante aparentada, por exemplo, quando *f* se transforma em *b* após a sonorização ou *tʃ* se transforma em *y*.

Assim, temos a palavra *ma fɛ̃* que significa tanto ‘pele’ quanto ‘camisa’. As palavras *ma fɛ̃ dyépagó* ‘pele de onça’ (*mé pagó* ‘onça’) e *ma fɛ̃ t(i)r* ‘pele de cervo’ (*mi tir* ‘cervo’) mostram como a mesma raiz é utilizada em palavras compostas para designar a pele de um determinado animal. E, levando em conta que *mi bɛ̃ ko* é a parte ventral do casco de jacaré (*mi ko* ‘jacaré’) usada como tigela, podemos supor com bastante certeza que essa palavra é formada de um modo análogo às palavras anteriores e que o parentesco fonético entre *bɛ̃* e *fɛ̃*, ao lado do parentesco conceitual, não é de maneira alguma accidental. Ao que parece, o *f* do *fɛ̃* sofreu uma sonorização diante do surdo *k* da sílaba seguinte e, após isso, o sonoro *v* podia facilmente ter se transformado no *b*, que em outras línguas também possui uma articulação próxima ao *v*. Para outra tigela feita de jacaré, bem menor que a designada com *mi bɛ̃ ko*, me deram a palavra *mi pɛ̃ yo ré ko*. Visto que aqui entre as sílabas *bɛ̃* e *ko* aparecem as *yo ré*, não há mais motivo para a sonorização e, portanto, o *b* pôde se ensurdecer de novo, porém, ele não se transformou no original som *f*, e sim no *p*, que possui uma articulação mais próxima.

O *f* da raiz *fɛ̃* sofreu uma sonorização muito semelhante na palavra *ma vɛ̃ ta* ‘calça’, em que o surdo *t* deve ter exercido a mesma influência sobre a letra inicial da sílaba antecedente que o surdo *k* no caso anterior. O mesmo *vɛ̃* se encontra também em *ma vɛ̃ ru ta* ‘para amarrar no pulso’.

De um modo semelhante, as consoantes sonoras e surdas correspondem uma a outra nas seguintes palavras:

*tʃa da bó* ‘dedo do pé’  
*ma te ya bo* ‘unha do dedo do pé’  
*mu tʃa da ra* ‘dedo da mão’  
*ma te ya ra* ‘unha do dedo da mão’  
*ma tʃi iko* ‘chocalho de abóbora’  
*ma ton yi ko* ‘recipiente feito de abóbora’

Parece que, nesses três pares de palavras, o surdo *t* acarretou a sonorização do *tš* subsequente para o *ž* ou o *y*. Portanto, essa sonorização parece se basear na tendência de nunca deixar que as duas sílabas adjacentes comecem com consoantes surdas. Em concordância com isso, em todo o vocabulário e nas frases nunca aparecem duas sílabas adjacentes que comecem, ambas, com um *k*, *p* ou *f* ou cada uma com uma dessas consoantes. Os *t* e *tš* também muitas vezes demonstram essa tendência, como já vimos nos exemplos acima. Porém, aqui a regra é de modo algum absoluta, sobretudo, não em casos em que a primeira das duas sílabas em questão contém uma vogal dupla. Compare, por exemplo, *ma fā t(i)r* ‘pele de cervo’ e *ma včē ta* ‘calça’.

Além desses casos, nos quais podemos atribuir a sonorização das consoantes iniciais das raízes a determinados motivos, há outros casos, nos quais não podemos fazer isso. Anteriormente, já conhecemos a próxima relação entre os sons *gũ* e *kũ* em:

*ma gũ* ‘água’  
*ma kũ* ‘remo’  
*ma džé kũ* ‘rio’  
*mo ree kũ* ‘baía’

De um modo semelhante, temos a relação das sílabas correspondentes em:

*man daua tší* ‘flecha de taquara’  
*taua tší* ‘flecha de pássaro’  
*ma bī dzí* ‘flecha de criança’

Da mesma maneira, podemos citar aqui:

*na(a) pír* ‘quente’ e *má pir* ‘broca para fazer fogo’, por um lado, e  
*ma bír* ‘estrela’, por outro.  
*ma kuá* ‘dente’, por um lado,  
*ma guá(a)* ‘concha (usada como colher para comer)’, por outro.

Das mudanças fonéticas do segundo tipo, as que dizem respeito às vogais, a metátese e a assimilação, i.é contração, atuam como fatores importantes na composição dos radicais a partir das raízes sílabas. São justamente esses dois fenômenos linguísticos que, através da sua ação conjunta, constituem um fator muito importante em todo o desenvolvimento de uma língua como o Guató. Por meio deles, alguns radicais que, em função de uma especialização sempre maior dos conceitos, se caracterizariam pela tendência de conter sempre mais sílabas, apresentam um movimento contrário, o de limitar a quantidade de sílabas. Esse movimento, por sua vez, corresponde à generalização dos conceitos, que ocorre em paralelo com a especialização dos mesmos.

Um estudo aprofundado da língua guató permite ver claramente como a língua inteira em todos os seus elementos é permeada pelas mudanças fonéticas em questão. E, mesmo em relação às raízes monossilábicas mais simples, nunca se pode dizer ao certo se já não passaram, talvez, por múltiplas mudanças no seu processo de desenvolvimento, que corresponde à formação paulatina de conceitos separados.

Naturalmente, é difícil estabelecer os mencionados tipos de mudança fonética com base em alguns poucos exemplos, e só podemos considerá-los como fatos estabelecidos quando, em cada caso específico, o parentesco dos radicais em questão é garantido também do ponto de vista conceitual.

Assim, podemos supor uma relação fonética por causa do parentesco conceitual nas palavras *má ta ri* ‘trovão’ e *mo kviá tar* ‘relâmpago’, às quais se acrescenta também a palavra *mu kia tair* ‘nuvem’ com parentesco fonético muito próximo. Desde o início, pode-se admitir que a correspondência entre as três letras *tar* nas palavras para ‘relâmpago’ e ‘trovão’ não pode se basear em um puro acaso, pois as duas palavras estão em uma relação conceitual estreita entre si. Suponhamos agora que o *i* que está no final do radical *tari*, mas não no *tar* da palavra para ‘relâmpago’ foi introduzido na sílaba anterior *kva* (da raiz já conhecida por nós *kua* ‘dente’) por meio de um deslocamento. Visto que, nesse caso, houve uma metátese regressiva, a palavra para ‘relâmpago’ ganha sua explicação mais simples: *kua* é raiz para ‘dente’ e se refere de modo geral a tudo “denteado”, como, por exemplo, a grande espátula de madeira para sopa, cujo cabo só nos Guatós possui pontas parecidas com dentes, e que se chama *ma kua da* ‘madeira denteada’. De fato, o conceito de relâmpago não pode ser mais bem analisado do que através da sua decomposição em raízes *kua* ‘denteado’ e *tari* ‘trovão’, sendo que esse último provavelmente contém a raiz *ta* ‘fogo’. A mudança fonética presente na palavra *mo kvia tar* se liga à da palavra *mu kia tair* ‘nuvem’, na qual o *i* se moveu por meio da metátese para a posição diante do *r* e se transformou em um som muito breve, mas pode ser ouvido também na sílaba anterior *kia*. É justamente esse último caso, em que a vogal *i* perde seu som até o mínimo e, ao mesmo tempo, passa a ser ouvida na sílaba anterior, parece acontecer na língua guató com bastante frequência. Cf. *mī t(i)r* ‘cervo’, em que a sílaba *mī* surgiu através da assimilação do *a* no prefixo *ma* + *i*. Da mesma maneira, *mi k(i)r* ‘panela’ e semelhante *mi po r(i)tše vaii* ‘faca’.

Outro exemplo claro da metátese regressiva é encontrado na composição da palavra *ma šio vir* ‘boneca de pano’, proveniente da palavra *ma šir vuir* ‘gente’.

Em analogia com o dito acima, o parentesco fonético também reside na metátese ligada à assimilação nas seguintes palavras:

(i) *kū ri* ‘cílio’  
 (ma) *kīr* ‘cabelo’  
 (ma) *gu kūr* ‘sobrancelha’

como também a raiz *kuir* nas palavras para ‘cabeça’, ‘chapéu’ e outras palavras aparentadas do ponto de vista conceitual.

Do mesmo modo em:

*mar fo* ‘terra’  
 e *ma fo ra ta* ‘cinza’ = ‘terra de fogo’ (*ta* ‘fogo’)

Já pelo dito acima, conhecemos a assimilação da vogal *a* no prefixo *ma-* junto à vogal *i*, por exemplo, em *mī t(i)r* ‘cervo’. Assimilações semelhantes, sempre relativas ao prefixo *ma-*, devem ser presumidas nas palavras *me pa go* ‘onça’, *mu tši* ‘algodão’ e *mo vir* ‘casa’, conforme pode ser concluído da composição dessas palavras.

Com base em *má fædyépagó* ‘pele de onça’ e *ma to yépagó* ‘cavalo’, conclui-se que *me pagó* deve ter surgido a partir de *ma dyepagó* ou *ma yepagó*. *Ma da huitši* significa ‘fuso’ (ou seja, “uma madeira para algodão”), portanto, *mutši* parece ter surgido a partir de *ma huitši*. *E hio vir* significa ‘a casa dele’, *gua hio vir* ‘a tua casa’, portanto, *movir* parece ter surgido a partir de *ma hio vir*.

Em todos os casos em que no lugar da vogal *a* do prefixo abstratizante *ma-* aparece outra vogal, temos que pensar em semelhante assimilação, exceto, talvez, os casos como *mu ku* ‘árvore jatobá’, que podem se basear numa simples harmonia vocálica. Porém,

como vimos acima nas palavras *mi k(i)r̃* e *mi t(i)r*, a harmonia vocálica pode possuir uma relação próxima com a assimilação ligada a uma metátese em processo.

### III. Vocabulário

#### A. Para a orientação do leitor.

1. O vocabulário apresentado na subseção B é organizado por assuntos, obedecendo a seguinte divisão:

1. Partes do corpo (1-47);
2. Natureza (48-77);
3. Etnografia (78-190);
4. Parentesco e termos afins (191-225);
5. Animais (226-363);
6. Plantas (364-390);
7. Adjetivos (391-419);
8. Numerais (420-442);
9. Partículas e os demais elementos (443-459);
10. Verbos (460-507).

2. Para fins de comparação, acrescentei ao vocabulário por mim registrado as palavras registradas por Castelnau<sup>24</sup> e as marquei com a letra C posta na frente.

No caso de algumas palavras, para fins de comparação foram acrescentados os números referentes às palavras, nas quais se encontram as mesmas raízes ou aparentadas, conforme a exposição feita até agora.

Com “frase...” remete-se às frases da língua Guató que seguem ao vocabulário, na seção IV.

3. O prefixo *ma-* e os pronomes. Quase todos os substantivos do vocabulário e uma pequena parte dos verbos começam com a sílaba *ma-*, que se transforma em *me-*, *mi-*, *mo-* ou *mu-*, muitas vezes, pela assimilação (ou contração) com a primeira sílaba do radical e, algumas vezes, pela harmonia vocálica<sup>25</sup>. Apenas nos termos de parentesco (exceto *madǎ* ‘marido’) a sílaba *ma-* nunca ocorre, e tampouco o equivalente que atua no seu lugar.

Na ligação dos conceitos separados em uma frase, assim como no caso de acréscimo de um pronome ao substantivo, a sílaba *ma-* cai. Compare: *matá* ‘fogo’ e *ogapoégöta* ‘acenda o fogo’, *movir* (de *ma hiovir*) ‘casa’ e *guahiovir* ‘tua casa’.

Dessa maneira, a sílaba *ma-* parece ter o significado de marcar a falta de qualquer referência concreta em um dado substantivo, semelhantemente, por exemplo, à função do sufixo *-ti* na língua guaná<sup>26</sup>. Portanto, a melhor escolha seria a de o tratarmos como um prefixo abstratizante.

Nos casos em que os substantivos do vocabulário não começam com o prefixo abstratizante *ma-*, eles muitas vezes se iniciam com um *i* ou *e*. Sobretudo, isso diz respeito às designações das partes do corpo. Evidentemente, nesses casos temos o substantivo não na sua forma desprovida de referência, mas na relação com seu

<sup>24</sup> Cf. Castelnau, Vol. V, p.283.

<sup>25</sup> Cf. a pág. 28.

<sup>26</sup> Cf. meu relatório *Guaná* em *Zeitschrift für Ethnologie*, 1903, Cadernos 2 e 3, a partir da pág. 590.

pronome, a saber, com o de 3ª pessoa. (Em relação aos pronomes, cf. as frases 2, 3 e 21 e as palavras 78, 191, 465, 471, 473, 482 e 503 do vocabulário).

4. Observações sobre a ortografia das palavras por mim registradas:

- ā* - *a* longo
- ǎ* - *a* breve
- á* - *a* acentuado
- ũ* - *u* nasalizado
- ǣ* - *ä* longo alemão
- š* - *ch* francês
- v* - *w* alemão
- y* - *i* consonântico, como *y* em *youth*
- ṛ* - *r* fortemente reduzido
- ž* - *j* francês

## B. Vocabulário. Organizado por assuntos.

### I. Partes do corpo

1. **Cabeça**, mundokuír, C. do-keu.  
Para kuir, cf. n°154 máhokuir ‘chapéu’, n°186 ětagíkuir ‘entalhe na flecha de pedra’, n°44 igíkuir ‘crista de galinha’, n°308 mōrōbik(u)ir ‘cardeal’, n°349 mukuír ‘csarregadeira (formiga dsúvs)’, n°40 makír ‘cabelo’.  
**/m-ódokwí/ DET-cabeça**
2. **Cérebro**, C. toori.
3. **Testa**, C. toori.  
**/tórí/ (Postigo 2009)**
4. **Língua**, C. chagi.  
**/g<sup>w</sup>a-tjádza/ 2-língua**
5. **Boca**, matšió, C. djio.  
Cf. n°127 itšío ‘orifício da viola’  
**/ma-džéo/ DET-boca**
6. **Lábio**, C. iguai-o.  
**/i-beho/ 3-beiço (Eufrásia)**
7. **Dente**, makuá, C. maqua.  
Cf. n°366 makuadár ‘folha’, n°76 mākú ‘pedra’, n°97 mákuada ‘espátula para sopa’.  
**/ma-kwá/ DET-dente**
8. **Nariz**, itáaga, C. taga.  
Cf. n°45 itáaga ‘bico de ave, de pássaro’, n°280 mirátaaga ‘colhereiro (ave)’.  
Para ga n°86 copígagá ‘proa do barco’.  
**/i-tága/ 3-nariz**

9. **Olho**, irá, C. marei.  
/i-rɛ/ **3-olho**
10. **Orelha**, máve, C. mavi.  
/ma-vi/ **DET-orelha**
11. **Pescoço**, mato.  
/ma-to/ **DET-pescoço**
12. **Garganta**, C. yotorito.  
/pera/
13. **Queixo**, C. ebo.  
/ɛ-bó/ **3-queixo**
14. **Mão**, mara, C. ida.  
Cf. n°18 mutšadára ‘dedo da mão’, n°19 mutogúra ‘polegar’, n°25 máteyára ‘unha do dedo da mão’, n°424-429 de tóhera ‘cinco’ a kinyuira ‘dez’, n°280 mirátaaga ‘colhereiro (ave)’.  
/ma-rá/ **DET-mão**
15. **Ombro**, yúkuyahu, C. chawapo.
16. **Braço**, mapó, C. mapo.  
/ma-pó/ **DET-braço**
17. **Cotovelo**, marópa.  
Para -ro-, cf. n° 22 maróga ‘joelho’.  
/ma-rɔpa /**DET-joelho**
18. **Dedo da mão**, mutšadára, C. tijaque.  
Para -ra, cf. n° 14 mará ‘mão’. Para tšada, cf. n°24 tšadabó ‘dedo do pé’, n°103 matšadagueváí ‘garfo’. Para tša, cf. n°23 matšaabó ‘planta do pé’, n°46 mašága ‘asa’. Cf. n°252 C. madjahé ‘ave, pássaro’, n°125 itšá ‘corda da viola’, n°162 matšaagátir ‘corda do arco’, n°25 mateyára ‘unha do dedo da mão’<sup>27</sup>, n°26 matežabó ‘unha do dedo do pé’<sup>28</sup>.  
/m-otšádará/ **DET-dedo.mão**
19. **Polegar**, mutogúra.  
Para ra, cf. n°14 mará ‘mão’.  
/m-ótogorá/ **DET-polegar**
20. **Pé**, mabó, C. apoo.  
Cf. n°23 matšaabó ‘planta do pé’, n°24 tšadabó ‘dedo do pé’, n°26 matežabó ‘unha do dedo do pé’, n°430-439 de tšenehebó ‘onze’ a kinguimbó ‘vinte’.  
/m-abɔ/ **DET-pé**

---

<sup>27</sup> Cf. a pág. 26.

<sup>28</sup> Cf. a pág. 26.

21. **Perna**, múvi,  
C. uvi ‘coxa’, C. mucupana ‘canela’.  
/m-óvi/ DET-perna
22. **Joelho**, maróga.  
Para -ro-, cf. n°17 marópa ‘cotovelo’.  
/ma-róga/ DET-joelho
23. **Planta do pé**, matšaabó.  
Para -bo, cf. n°20 mabó ‘pé’. Para -tša-, cf. n° 18 mutšadára ‘dedo da mão’.
24. **Dedo do pé**, tšadabó  
Para -bo, cf. n°20 mabó ‘pé’. Para tšada-, cf. n°18 mutšadára ‘dedo da mão’.  
/m-ótfáda-abo /
25. **Unha do dedo da mão**, máteyára.  
Para -ra, cf. n°14 mará ‘mão’. Para -te-, cf. n°26 matežanó. Para -ya- (-tša-),  
cf. n°18 mutšadára ‘dedo da mão’ e ‘corda da viola’.  
/ma-te-já-rá/ DET-unha-?-mão
26. **Unha do dedo do pé**, matežabó.  
Para -bo, cf. n°20 mabó ‘pé’. Para -te-, cf. n°25 máteyára ‘unha do dedo da  
mão’. Para -ža- (-tša-), cf. n°18 mutšadára ‘dedo da mão’ e ‘corda da viola’.  
/ma-te-dž-abo/ DET-unha-E-pé
27. **Mamilo**, iúfa.  
/i-ófá/ 3-seio
28. **Peito**, C. daapé.
29. **Região do osso sacro**, ióku.  
/i-ókú/ 3-osso
30. **Umbigo**, itóono.  
/i-túmu/ 3-umbigo
31. **Pênis**, ióob(i)r  
Para b(i)r, cf. n°32 ifeeb(i)r ‘traseiro’.  
/i-pākí/ 3-pênis
32. **Traseiro**, ifeeb(i)r.  
Para b(i)r, cf. n°31 ióob(i)r ‘pênis’.
33. **Fígado**, ipé.  
/i-pé/ 3-fígado
34. **Barriga**, C. ipo.  
/i-pə/ 3-barriga



35. **Coração**, C. acogo.  
/kogo/ **coração**
36. **Sangue**, múnguaha, C. mougua-a.  
/m-óg<sup>w</sup>a/ **DET-sangue**
37. **Toucinho**, C. magunpo.  
/ma-gĩ-po/ **DET-gordura-porco**
38. **Carne**, C. madeu.  
/ma-ri/ / **DET-carne**
39. **Pele**, mafǎ, C. ifai.  
Cf. n° 112 mibǎko ‘tigela feita da parte ventral do casco de jacaré’<sup>29</sup>, n° 150 máfǎdyépagó ‘pele de onça’, n° 151 mafǎt(i)r ‘pele de cervo’, n°155 mafǎ ‘camisa’, n°156 mavǎta ‘calça’, n° 157 mavǎrúta ‘faixa para pôr no pulso’, n°402 tǎfǎ ‘grande’, n°113 mipǎyoréko ‘pequena tigela feita da parte ventral do casco de jacaré’<sup>30</sup>.  
/ma-fǎ/ **DET-pele**
40. **Cabelo**, makír, C. ma-eu.  
Para kir, cf. kuir no n°1 mundokuír ‘cabeça’, kuri no n°41 íkūri ‘cílio’<sup>31</sup>, kur no n°42 magúkúr ‘sobrancelha’<sup>32</sup>. Além disso, cf. n°74 C. madjo-ougeu ‘campina’, n°368 ik(i)ryabó ‘ramo’, n°160 madšahuag(i)r ‘colar de sementes de capim’, n°104 matiók(i)r ‘canudo para beber chicha’.  
/ma-kí/ **DET-cabelo**
41. **Cílio**, íkūri.  
Cf. n°40 makir ‘cabelo’.  
/i-kari/ **3-cílios (Postigo 2009)**
42. **Sobrancelha**, magúkúr, C. mokou-oudi.  
Para kur, cf. n°40 makir ‘cabelo’.  
/ma-kúri/ ou /mu- kúri/ **DET-sobrancelha (Postigo 2009)**
43. **Esporão do galo**, yobumbó.  
Cf. n°173 yubũ ‘ponta de osso da flecha’. Para bo, n°20 mabó ‘pé’.
44. **Crista do galo**, igíkuir.  
Para kuir, cf. n°1 mundokuir ‘cabeça’.
45. **Bico**, itáága.  
Cf. n°8 itáaga ‘nariz’.  
/i-tága/ **3-bico**

---

<sup>29</sup> Cf. a pág. 26.

<sup>30</sup> Cf. a pág. 26.

<sup>31</sup> Cf. a pág. 28.

<sup>32</sup> Cf. a pág. 28.

46. **Asa**, mašága.  
Para ša, cf. n°252 C. madjahé ‘pássaro, ave’, n°18 mutšadára ‘dedo da mão’.

47. **Cauda**, ipána, C. ipana.  
**/i-pána/ 3-cauda**

## II. Natureza

48. **Sol**, nuvæ, C. nouveai.  
Cf. n°58 ěfagndanúvæ ‘pôr do sol’.  
**/n-úvε/ DET-sol**

49. **Lua**, múpina, C. upina.  
Cf. n°396 úpive ‘amarelo’.  
**/m-ópina/ DET-lua**

50. **Estrela**, mabíř, C. mabeu.  
Cf. n°406 na(a)pír ‘quente’, n°115 mápir ‘broca para fazer fogo’.  
**/ma-bí/ DET-estrela**

51. **Céu**, muntšá.  
**/ma-tjá/ DET-céu**

52. **Terra**, marfó, C. mafo.  
Cf. n°71 maforata ‘cinza’.<sup>33</sup>  
**/m-afó/ DET-terra**

53. **Nuvem**, mukiatáir<sup>34</sup>  
Para táir, cf. n°56 máitari ‘trovão’, n°57 mokviátar ‘relâmpago’.  
**/m-ok<sup>w</sup>iátai/ DET-nuvem**

54. **Chuva**, mavæ, C. mavei.  
**/ma-vε/ DET-chuva**

55. **Arco-íris**, mipá.

56. **Trovão**, máitari,<sup>35</sup> C. matariaa.  
Cf. n°53 mukiatáir ‘nuvem’.  
**/ma-tari/ DET-trovão**

57. **Relâmpago**, mokyíátar<sup>36</sup>, C. ito.  
Cf. n°53 mukiatáir ‘nuvem’.  
**/m-ító/ DET-relâmpago**

58. **Pôr do sol**, ěfagndanúvæ  
Para nūvæ, cf. n°48 nuvæ ‘sol’.

<sup>33</sup> Cf. a pág. 28.

<sup>34</sup> Cf. a pág. 28.

<sup>35</sup> Cf. a pág. 28.

<sup>36</sup> Cf. a pág. 28.

59. **Dia**, C. machuo.  
/m-átʃo/ DET-dia
60. **Noite**, C. mafi.  
/m-áfi/ DET-noite
61. **Água**, mágũ<sup>37</sup>, C. magneu.  
Cf. n°84 mákũ ‘remo’, n°62 madžeékũ ‘rio’, n°63 moreekũ ‘baía’.  
/ma-gĩ/ DET-água
62. **Rio**, madžeékũ<sup>38</sup>, C. matogiquen, C. moudieque ‘pequeno rio’.  
Para kũ, cf. n°61 mágũ ‘água’. Cf. a frase 2 gudžėikũ ‘rio’.  
/ma-džėkĩ/ DET-rio  
/m-óto-džėkĩ/ DET-AUM-rio  
/m-ódí-džėkĩ/ DET-DIM-rio
63. **Baía**, moreekũ.  
Para kũ, cf. n°61 mágũ ‘água’.
64. **Lago**, magáho.  
/ma-gáho/ DET-lago
65. **Braço do rio**, ioiáki
66. **Cachoeira**, C. apowakou
67. **Ilha**, guatoiéki.  
Para oiéki, cf. oiáki no n°65.
68. **Fogo**, matá, C. mata.  
Cf. n° 116 tiakanatá ‘abano para fogo’. Cf. a frase 37 ogapoégota ‘acenda o fogo!’. Cf. n°71 maforáta ‘cinza’, n°56 mártari ‘trovão’, n°57 mokviátar ‘relâmpago’.  
/ma-ta/ DET-fogo
69. **Lenha**, mokué.  
/m-okʷi/ DET-lenha
70. **Fumaça**, mugi.  
Cf. n°119 matáhegi ‘charuto’, n°463 guahegi ‘fumar’.  
/m-ogí/ DET-fumaça
71. **Cinza**, maforáta (= ‘terra de fogo’)<sup>39</sup>  
Cf. n°52 marfó ‘terra’, n°68 matá ‘fogo’.  
/ma-fóratá/ DET-cinza

---

<sup>37</sup> Cf. a pág. 27.

<sup>38</sup> Cf. a pág. 27.

<sup>39</sup> Cf. a pág. 28.

72. **Montanha**, marápo. C. marapo.  
/ma-rápo/ DET-morro
73. **Floresta**, C. modj-ao.  
/m-odzáho/ DET-mato
74. **Campina**, C. madjo-ougeu.  
Cf. n°160 madšahuag(i)r ‘corrente de semente de ervas para usar no pescoço’,  
n°40 makír ‘cabelo’.  
/m-odzági/ DET-capim
75. **Caminho**, C. maouvi.  
/m-aovi/ DET-caminho
76. **Pedra**, mākú, C. macou.  
Cf. n°7 makuá ‘dente’, n°88 makó ‘machado’, n°382 múku ‘árvore jatobá’,  
n°118 vaígukuárigakú ‘pedreira’?  
/m-akú/ DET-pedra
77. **Prata**, maráhe.

### III. Etnografia

78. **Casa**, movír, C. moucu.  
ahiovír (10) ‘nossa casa’, ehiovir ‘a casa dele’, guahiovir ‘tua casa’, cf. a frase  
15.  
/m-óvi/ DET-casa  
/a-hi-óvi-ru/ 1SG-POS-casa-1SG  
/ε-hi-óvi/ 3- POS-casa  
/g<sup>w</sup>a-hi-óvi/ 2-POS-casa
79. **Povoado**, C. thajou.
80. **Telhado**, akuégn.
81. **Porta**, apeoiá.
82. **Casa de festa**, mafeerito.
83. **Barco**, mánĩ, C. moutomouu ‘barco grande’, moudinouu ‘barco pequeno’.  
Para to em C. moutomouu, cf. n° 402 tōōfǣ ‘grande’.
84. **Remo**, mākũ.  
Cf. n°61 mágũ ‘água’.  
/m-ákĩ/ DET-remo
85. **Zinga**, madyuādā.  
Para da, cf. n°365 madár ‘madeira’.  
/ma-tjúada/ DET-zinga (Vicente)

86. **Proa do barco**, eopígagá.  
Para ga, cf. n° 8 itáaga ‘nariz’.
87. **Popa do barco**, hihé(e)ir.
88. **Machado**, makó.  
Cf. n°76 makú ‘pedra’, n°89 maandáko ‘cabo do machado’.  
**/ma-kʷó/ DET-machado**
89. **Cabo do machado**, maandáko.  
Cf. n°88 makó ‘machado’, n°365 madár ‘madeira’.
90. **Prato de barro**, múša  
Cf. n°91 múšaadá ‘prato de madeira’.  
**/m-otšá/ DET-prato**
91. **Prato de madeira**, múšaadá.  
Cf. n°90 múšá ‘prato de barro’, n°365 madár ‘madeira’.  
**/m-otšá-dá/ DET-prato-madeira**
92. **Jarro de barro**, matũ.  
Cf. n°266 matũ ‘ave ema’.  
**/m-átú/ DET-pote**
93. **Panela**, mik(i)ř.  
Cf. n°254 miki(ř) ‘papagaio’, n°152 mīkīrbádá ‘banco de madeira’.  
**/m-íkí/ DET-panela**
94. **Copo**, matsúugiirgn.  
Cf. n°460 gogiign ‘beber’.  
**[ma-tšújúkú] DET-copo (Eufrásia)**
95. **Colher**, maguivái.  
Cf. n°96 mágua(a)dá ‘colher de madeira grande’, n°103 matsadaguevái ‘garfo’, n°101 matséevai ‘facão usado no mato’.
96. **Colher de madeira grande**, mágua(a)dá.  
Cf. n°98 maguáa ‘concha para comer sopa’, n°365 madár ‘madeira’, n°95 maguivái ‘colher’.  
**/ma-gʷadá/ DET-colher**
97. **Espátula para sopa**, mákuada.  
Para kua, cf. n°7 makuá ‘dente’. Para da, cf. n°365 madár ‘madeira’.
98. **Concha para comer sopa**, maguá(a).  
Cf. n°96 mágua(a)dá ‘colher de madeira grande’.
99. **Concha de caracol para beber**, mahá.
100. **Sopa de banana**, mähódžinö.

101. **Facão usado no mato**, matšéevai, C. nickeevai (fr. ‘sabre’).  
Cf. n°467 mageho(u)etševai ‘afiar’, n°102 mipor(i)tševáii ‘faca’. Para vai, cf. n°118 vaígukuarigakú ‘pedreira’?, n°95 maguivái ‘colher’, n°103 matšadaguevái ‘garfo’.  
/ma-tšéváj/ DET-facão
102. **Faca**, mipor(i)tševáii, C. motepougouai.  
Cf. n°101 matšéevai ‘facão usado no mato’.
103. **Garfo**, matšadaguevái.  
Para guevái, cf. n°95 maguivai ‘colher’. Para tšada, cf. n°18 mutšadára ‘dedo’.
104. **Canudo de cana para beber chicha**, mǎtiók(i)r.  
Para kir, cf. n°368 ik(i)ryabó ‘ramo’, n°40 makír ‘cabelo’, n°105 mǎtiók(i)r ‘bombilha’.
105. **Bombilha (canudo para beber mate)**, mǎtiók(i)r.  
Cf. n°104.
106. **Recipiente de cabaça para tomar mate**, matõnyíko.  
Para yíko, cf. n°109 matšíiko ‘chocalho de abóbora’, n°107 matuyéko ‘casca de abóbora’.
107. **Casca de cabaça**, matuyéko.  
Cf. n°106 e 108.
108. **Recipiente de cabaça**, mišeyekn.  
Cf. n°107 e 109.  
[m-ífédzeku] DET-cuia (Eufrásia)
109. **Chocalho de cabaça**, matšíiko.  
Para tsíiko, cf. n°106 matõnyíko ‘recipiente de abóbora para tomar mate’.
110. **Suco da palmeira acuri fermentado**, tšitša (empréstimo).
111. **Aguardente de cana de açúcar**, pokí, C. mapoqueue.  
/ma-pokí/ DET-cachaça
112. **Tigela da parte ventral do casco de jacaré (grande)**, mibǎ́ko.  
Para ko, cf. n°320 miko ‘jacaré’. Para bǎ́, cf. n°39 mafǎ́ ‘pele’, n°113.
113. **Tigela da parte ventral do casco de jacaré (pequena)**, mipeyoréko.  
Cf. n°112 mibǎ́ko.
114. **Caixa**, mešedšíka, matšíávia.
115. **Broca para fazer fogo**, mápir.  
Cf. n°406 na(a)pir ‘quente’, n°50 mabír ‘estrela’.

116. **Abano para fogo**, tiakanatá.  
Cf. n°68 matá ‘fogo’. Para tia, cf. n°139 matéadaápara ‘faca para tecer’, n°144 madátiadaápana ‘tear’.  
/ma-tjékĩna-ta/ DET-abano-fogo
117. **Pedra para triturar grãos**, mátaha.
118. **Pedreira**, vaígukuárigakú.  
Cf. n°76 makú ‘pedra’, n°474 hãřĩkã ‘trazer’. Para vai, cf. n°101 matšeévai ‘facão usado no mato’, n°467 mageho(u)etševai ‘afiar’.
119. **Charuto**, matáhegi.  
Cf. n°70 mugí ‘fumaça’, n°463 guahegi ‘fumar’.  
/ma-tahēgigi/ DET-cigarro
120. **Tabaco**, mabó, C. maboo.  
/ma-bó/ DET-tabaco
121. **Peneira para a farinha de mandioca**, ugoágoma.  
Cf. n°373 mamá ‘mandioca’, n°122.
122. **Ralador para mandioca**, mateúkuma.  
Para ma, cf. n°373 mamá ‘mandioca’. Para teu, cf. tea no n°139 matéadaápara ‘faca para tecer’.
123. **Cesta (trançada das folhas da palmeira acuri)**, mu(n)dá.  
Cf. n°365 madár ‘madeira’.  
/m-ódá/ DET-cesta
124. **Viola (instrumento de cordas)**, magáhu.  
Para hu, cf. n°493 maho ‘cantar’. Para ga, cf. n°494 vágaátša ‘dançar’.  
/m-agáho/ DET-viola (Eufrásia)
125. **Corda da viola**, itšá.  
Cf. n°494 vágaátša ‘dançar’, n°162 matšaaagátir ‘corda do arco’. Para tša, cf. n°18 mutšadára ‘dedo da mão’.
126. **Tarracha da viola**, itšáagi.  
Cf. n°125 itšá ‘corda da viola’.
127. **Orifício redondo da viola**, itšío.  
Cf. n°5 matšío ‘boca’.
128. **Três fios transversais na extremidade superior da viola**, ékuagító.
129. **Caracaxá (instrumento musical feito de um pedaço entalhado de bambu)**, magaragatša.  
Cf. n°494 vágaátša ‘dançar’.

130. **Corneta para chamar**, mūpó.
131. **Chocalho de casco dos animais ungulados**, mátšurubó.  
Cf. n°20 mabó ‘pé’.
132. **Feixe de penas para orelhas**, máraavi.  
Cf. n°10 máve ‘orelha’.  
**/m-iráve/ DET-brinco**
133. **Diadema**, mutšaari.  
Para tša, cf. n°46 mašága ‘asa’.
134. **Espinha de raia (instrumento contra a dor de dente)**, mošibáku.  
Cf. n°7 makuá ‘dente’.
135. **Boneca de pano**, mašiovir.  
Cf. n°217 maširvuir ‘gente’. Cf. a frase 4.
136. **Porrete**, C. maragueu.
137. **Lança**, madžúrr.  
**/ma-džú/ DET-zagaia**
138. **Fuzil**, gátu, C. makeu.  
Cf. frase 36.
139. **Faca para tecer para confecção do abano contra mosquitos**, matéadaápara.  
Cf. n°144 madátiadaápana ‘faca para tecer’, n°158 mapára ‘abano contra mosquitos’, n°365 madár ‘madeira’. Para tea, cf. n°116 tiakanatá ‘abano para fogo’.
140. **Fuso**, madáhuitši<sup>40</sup>.  
Cf. n°142 mutší ‘algodão’, n°143 mutší ‘fio’, n°365 madár ‘madeira’.
141. **Gastão do fuso**, emũ(ng).
142. **Algodão**, mutší<sup>41</sup>, C. moutchai.  
Cf. n°143, n°140 madáhuitši ‘fuso’, n°378 máguaaguetší ‘palmeira tucum’.  
**/m-otjé/ DET-algodão**
143. **Fio**, mutší.  
Cf. n° 142.
144. **Tear para redes**, madátiadaápana.  
Cf. n°139 mateadaápara ‘faca para tecer para abanos contra mosquitos’, n°146 mápana ‘rede de algodão’, n°365 madár ‘madeira’, n°116 tiakanatá ‘abano para fogo’.

---

<sup>40</sup> Cf. a pág. 28.

<sup>41</sup> Cf. a pág. 28.



145. **Arco para alisar o algodão cru**, magayidá.  
Cf. n°161 magadidá ‘arco’.
146. **Rede de algodão**, mápana.  
Cf. n°144 madátiadaápana, n°147.  
**/ma-pana/ DET-rede**
147. **Rede de fibra da palmeira tucum**, matsēdebá.  
Cf. n°146.
148. **Esteira de dormir de junco**, miró.
149. **Esteira de dormir de folhas da palmeira acuri**, mádaakútsi.  
Cf. n°380 múkūadá ‘palmeira acuri’.
150. **Pele de onça pintada (serve como esteira de dormir)**, máfādyépagu.  
Cf. n°240 mépagu ‘onça pintada’, n°39 mafā ‘pele’.  
**/ma-fē-d̄z-épagu/ DET-pele-E-jaguar**
151. **Pele de cervo** mafāṭ(i)r.  
Cf. n°237 mīt(i)r ‘cervo’, n°39 mafā ‘pele’.  
**/ma-fē-tí/ DET-pele-cervo**
152. **Banco para sentar**, mīkīrbādá.  
Cf. n°365 madár ‘madeira’, n°93 mik(i)r ‘panela’.
153. **Roupa**, C. maré.
154. **Chapéu**, máhokuir.  
Cf. n°1 mundokuír ‘cabeça’.  
**/m-aok<sup>w</sup>í/ DET-chapéu (PO)**
155. **Camisa**, mafā.  
Cf. n°39 mafā ‘pele’, cf. n°156, 157.  
**/ma-fē/ DET-pele**
156. **Calça**, mavāṭa.  
Cf. n°155, 157.  
**/m-afēta/ DET-calça**
157. **Faixa de pulso**, mavāṛúta.  
Cf. n°155, 156.
158. **Abano contra mosquitos**, mapára.  
Cf. n°139 matēdaápara ‘faca para tecer’.
159. **Mosquiteiro**, mageetó.  
**/ma-afēba/ DET-mosquiteiro (Postigo 2009)**

160. **Colar de sementes de capim**, madšahuag(i)r.  
Cf. n°74 C. madjo-ougeu ‘campina’.
161. **Arco**, magadidá magátia, C. magatea.  
Cf. n°145 magayidá ‘arco para alisar o algodão cru’.  
**/m-ágátíá/ DET-arco**
162. **Corda de arco**, matšaagatir.  
Cf. n°161. Para tša, cf. n°18 matšadára ‘dedo da mão’.
163. **Arco para atirar com balas de barro**, madögópiinu.  
Cf. n°164, n°165 mápiino ‘barro’.
164. **Bala de barro para atirar**, madögápino.  
Cf. n°163, n°165.
165. **Barro**, mápiino.  
Cf. n°163, 164.  
**/ma-pinu/ DET-barro**
166. **Flecha**, C. machie.  
Para chie (ou tši na minha ortografia), cf. n°167, n°169, n°170.  
**/ma-tjé/ DET-flecha**
167. **Flecha com a ponta de caule de taquara**, mandauatši.  
Cf. n°169 tauatši ‘flecha de pássaro’, n°166 C. machie ‘flecha’, n°170 mabidži ‘flecha para criança’.
168. **Flecha com a ponta de osso**, madápi.  
Cf. n°175 ‘haste de bambu da flecha’.
169. **Flecha de pássaro com a ponta de madeira mais grossa**, tauatši.  
Cf. n°167 mandauatši.
170. **Flecha para criança**, mabidži.  
Para dži, cf. tši no n°167 mandauatši ‘flecha com a ponta de caule de taquara’.
171. **Flecha arpão**, matšáabaga.
172. **Ponta de taquara da flecha**, míta.
173. **Ponta de osso da flecha ou da flecha arpão**, yubũ.  
Cf. n°43 yobumbó ‘esporão do galo’.
174. **Ponta de madeira da flecha de pássaro**, iětoga.
175. **Haste de bambu da flecha**, madápi.  
Cf. n°168 madápi ‘flecha com a ponta de osso’.

176. **Haste de bambu do arpão**, eida.
177. **Revestimento da flecha**, mambáve.
178. **Revestimento das penas na flecha de criança**, mundáda.
179. **Revestimento de algodão na flecha**, mutší.  
Cf. n°142 mutší ‘algodão’.
180. **Revestimento de algodão no arpão**, ivegnkuir.  
Para kuir, cf. n°1 mundokuír ‘cabeça’.
181. **Peça de madeira interposta da flecha de taquara**, mákūgubó.
182. **Peça de madeira interposta da flecha de osso e peça de madeira denteada do arpão**, yúpi.
183. **Pena da haste da flecha de taquara**, makidyaye.
184. **Pena da haste da flecha para pássaro**, madšeyéya.
185. **Corte na flecha de taquara**, mátaguígitsé.  
Cf. n°186.
186. **Corte na flecha de osso e na flecha arpão**, étagíkuir.  
Para kuir, cf. n°1 mundokuír ‘cabeça’. Cf. n°185.
187. **Corte na flecha para pássaro**, étayekuír.  
Para kuir, cf. n°186, n°1.
188. **Corte na flecha de criança**, madehedže.
189. **Corda do arpão**, eitsáegeri.
190. **Cola de peixe para prender a ponta de osso**, madóko.

#### IV. Termos de parentesco

191. **Mãe**, memé.  
guagi ‘tua mãe’; cf. a frase 31. Cf. n°199 mé ‘irmão da mãe’.  
**/mémé/ mãe (vocativo)**
192. **Pai**, bápa.  
Cf. n°198 pá ‘irmão do pai’.  
**/bápa/ pai (vocativo)**
193. **Filho**, bé, C. alora.  
**/ε-tɔra/ 3-filho**

194. **Filha**, ió, C. moudiohaja, C. jio ('minha filha').
195. **Irmão mais velho**, tšina.  
Para tši, cf. n°197 tšívǣ 'irmã'. Cf. n°208 tšina 'primo mais velho'.
196. **Irmão mais novo**, didáhir.  
Cf. n°209 didáhir 'primo mais novo'.
197. **Irmã**, tšívǣ.  
Para tši, cf. n°195 tšina 'irmão mais velho'.
198. **Irmão do pai**, pá.  
Cf. n°192 bápa 'pai'.
199. **Irmão da mãe**, mé.  
Cf. n°191 memé 'mãe'.
200. **Irmã do pai**, kuir.  
Cf. n°201.  
/k<sup>w</sup>í/ **tia (paterna)**
201. **Irmã da mãe**, kuir.  
Cf. n°200.  
/k<sup>w</sup>é/ **tia (materna)**
202. **Pai do pai**, tovǣiu  
Para vǣiu, cf. n°203 kũ(ng) vǣiu 'mãe do pai'.  
/tovɛ/ **avô**
203. **Mãe do pai**, kũ(ng) vǣiu.  
Para vǣiu, cf. n°202 tovǣiu 'pai do pai'. Para kũ(ng), cf. n°205 kũ(ng) vuir  
'mãe da mãe'.
204. **Pai da mãe**, tšavuír.  
Para vuír, cf. n°205.
205. **Mãe da mãe**, kũ(ng)vuir.  
Para vuír, cf. n°204 tšavuír 'pai da mãe'. Para kũ(ng), cf. n°203 kũ(ng) vǣiu  
'mãe do pai'.
206. **Neto**, nga.
207. **Neta**, nga.
208. **Primo mais velho**, tšina.  
Cf. n°195 tšina 'irmão mais velho'.
209. **Primo mais novo**, didáhir.  
Cf. n°196 didáhir 'irmão mais novo'.

210. **Esposo**, madꞫ, C. matai.  
/ma-dé/ DET-esposo  
/m-ítjá/ DET-esposo
211. **Esposa**, muháđši, C. mouhaja.  
Para ha, cf. n°214 gióha ‘mãe do esposo ou da esposa’, n°216 tšíêha ‘cunhado’.  
/m-óhadza/ DET-mulher
212. **Pai do esposo**, děěťě.  
Cf. n°213.
213. **Pai da esposa**, děěťě.  
Cf. n°212.
214. **Mãe do esposo**, gióha.  
Para gi, cf. n°191 guagi ‘tua mãe’. Cf. n°215. Para ha, cf. n°211 muháđši ‘esposa’.
215. **Mãe da esposa**, gióha.  
Cf. n°214.
216. **Cunhado**, tšíêha.  
Para ha, cf. n°211 muháđši ‘esposa’.
217. **Gente**, maširvuir.  
Cf. a frase 4. Cf. n°135 mašióvir ‘boneca de pano’.  
/ma-tšéuví/ DET-gente
218. **Rapaz**, šiágantši.  
Cf. a frase 35.
219. **Velho**, velha, C. meou.
220. **Negro**, C. mibaia-chou.
221. **Branco (não índio)**, C. akua-chou.  
Cf. n°391 mákuó ‘branco’.
222. **Índio**, C. magueu-chou.
223. **Mulato**, C. noupirego-chou.
224. **Deus**, C. ochewekin.
225. **Diabo**, C. moukelengui.

## V. Animais

226. **Macaco (tupi ‘macaco’)** (espécie *Simia macacus*), máku.  
/m-ák<sup>w</sup>o/ DET-macaco
227. **Macaco**, *C. macpo*.
228. **Macaco (pequenas espécies)**, mašáari.
229. **Boca d’agua (macaco)**, maguáahu.
230. **Bugio (*Mycetes barbatus*)**, múkuẽ.  
/m-ók<sup>w</sup>é/ DET-bugio
231. **Morcego**, mutšíiga, *C. mapo*.  
/m-ápɔ/ DET-morcego
232. **Quati (*Nasua socialis*)**, mähãadyáho, *C. maajaho*.  
/ma-hadʒáhɔ/ DET-quati
233. **Boi**, mavaká (do português vaca), *C. waca*.  
/ma-vaká/ DET-gado
234. **Cavalo**, matöyépago, *C. tojepago*.  
Cf. n°240 mēpago ‘onça pintada’, n°402 tööfǣ ‘grande’.  
/m-óto-dʒ-épagu/ DET-AUM-E-cavalo
235. **Porco**, mapo, *C. mapo*.  
/ma-po/ DET-porco
236. **Cachorro**, mavǣ, *C. mavii*.  
/ma-ve/ DET-cachorro
237. **Cervo pequeno (tupi ‘suasú’)**, (*Cervus rufus ou campestris*), médšavi, *C. mejavi*.  
/m-ɛdiave/ DET-veado.pequeno
238. **Cervo do pantanal (também veado galheiro)**, (tupi ‘suasúpucu’), (*Cervus paludosus*), mit(i)r.  
Cf. n°151 mafǣt(i)r ‘pele de cervo’.  
/m-ítí/ DET-cervo
239. **Tapir**, (tupi ‘tapira’) (*Tapirus americanus*), mah(i)r.  
/ma-í/ DET-tapir
240. **Onça pintada (tupi ‘yaguára’)**, (*Felis onca*), mēpago, *C. apaco*.  
Cf. n°234 matöyépago ‘cavalo’, n°150 máfedyépago ‘pela da onça pintada’.  
/m-épagu/ DET-jaguar

241. **Jaguatirica (tupi ‘yaguatirika’) (Felis mitis [pardalis]),** mǎroódža.  
/m-árótʃa/ DET-jaguatirica
242. **Lobo, C. mougouteu.**  
/m-úgútí/ DET-lobo.guará (Postigo 2009)
243. **Tatu (tupi ‘tatú’) (Dasypus),** mipí, C. mipi.  
/m-épi/ DET-tatu
244. **Mucura (espécie Didelphis),** mišegažiguáfir.
245. **Lontra (Lutra brasiliensis),** mǎvĕ.
246. **Paca (Coelogenys paca),** mišíávižitó.
247. **Esquilo (Sciurus aestuans),** mǎréiyi.  
/m-árédʒe/ DET-quatipuru
248. **Rato (espécie),** mitšōáki.
249. **Preá (Cavia aperea),** mĕki.
250. **Cutia (Dasyprocta aguti),** mitó.  
/m-itó/ DET-cutia
251. **Capivara (Hydrochoerus capyvara),** mak(i)r, C. maqueueu.  
/ma-ki/ DET-capivara
252. **Pássaro, ave, C. madjahé.**  
Cf. n°46 mašaga ‘asa’.  
/ma-dʒajé/ DET-ave
253. **Ninho,** mǎgunyitšó.
254. **Papagaio (espécie),** mikí(ř).  
Cf. n°93 mikí(ř) ‘panela’.  
/m-iki/ DET-papagaio
255. **Arara (espécie azul),** mǎtaha.  
/m-átahá/ DET-arara
256. **Arara (espécie vermelha),** mǎtōga.
257. **Arara (espécie vermelha),** mǎšága, C. machada.  
/m-atšága/ DET-arara.vermelha
258. **Periquito,** mípe.
259. **Periquito, mitáda, C. mitada.**  
[m-ĩ'tádà?] DET-periquito (Wilson 1959)

260. **Galo**, magare(d)žoié, C. magari-jahé.  
Cf. n°129 magaragatša ‘caracacha’.  
/ma-gáredžajé/ DET-galinha
261. **Mutum (Crax)**, makána.  
/m-okána/ DET-mutum (Postigo 2009)
262. **Jacutinga (tupi ‘yaku-tinga’)** (Penelope pipile), máhi.
263. **Perdiz cinzenta (espécie Perdix)**, mūtíriō.
264. **Aracuã (Ortalida canicollis)**, mikána.  
/m-ikána/ DET-aracuã
265. **Anhuma (Palamedea cornuta)**, madží(r).
266. **Ema (Rhea americana)**, matũ, C. maatou.  
Cf. n°92 matũ ‘jarro de barro’.  
/m-átũ/ DET-ema
267. **Pombo**, mabó.  
Cf. n°20 mabó ‘pé’.  
/m-ábó/ DET-juriti
268. **Pombo**, mikír(h)a.
269. **Pombo**, míkĩ(n).
270. **Tucano (Rhamphastos discolorus)**, matōō(g)ōiǣ, C. matogouiai.
271. **Cancã (Erismatura dominica)**, tōmătšóuii.
272. **Pescador (ave)**, mīrátša.
273. **Cabeça seca**, mikó.
274. **Tuiuiú (tupi ‘tuyuyu’)** (Mycteria americana ou Ciconia mycteria),  
mahí(r).  
/ma-hĩ/
275. **Jabiru**, C. nicko.
276. **Socó (Ardea brasiliensis)**, mikvo.
277. **Iocó (ave)**, matšó.
278. **Garça cinza (espécie Ardea)**, māguãha.



279. **Carão (Ardea scolopacea, sive Ibis infuscata)**, máto.  
Cf. n°11 máto ‘pesçoço’.
280. **Colhereiro (Platalea rosea)**, mīrátāãgã.  
Cf. n°45 itáaga ‘bico’, n°14 mará ‘mão’.
281. **Gaivota**, mǎngǎãna.
282. **Pato**, mibó.  
/m-íbó/ DET-pato
283. **Marreca**, magvébo.  
/m-ódíg<sup>w</sup>ebɔ/ DET-marreco
284. **Andorinha**, mutšǎabe.  
Cf. n°285.  
/m-otšábε/ DET-andorinha
285. **Andorinha**, toyotšǎabe.  
Cf. n°284.
286. **Gralha (Cyanocorax coeruleus)**, tomatě.
287. **Amassa-barro (espécie Furnarius)**, mipába.  
Cf. n°288.
288. **Amassa-barro (espécie Furnarius)**, māguanipaaba.  
Cf. n°287.
289. **Curicaca, (espécie Ibis)**, matodikána.
290. **Curicaca, (espécie Ibis)**, mǎkódǎ.
291. **Jaó (Crypturus noctivagus, sive Zabele bras.)**, mufatšǎho.
292. **Frango d’água (espécie Fulica)**, maguáato.  
Cf. o nome da tribo Guató.
293. **Biguatinga (Plotus aninga)**, máhě.
294. **Biguá (Carbo brasilianus)**, mitũyé.
295. **Sariema (Dicholophus cristatus)**, mutšīga.
296. **Cafezinho (uma pequena ave marrom de pântanos)**, mitší.
297. **Pica-pau (espécie Picus)**, mitumbávi.

298. **Maguari (espécie Ciconia), muga.**  
/m-ogá/ DET-maguari
299. **Maguari (espécie Ciconia), máguóōgá.**
300. **Escravo de João-pinto, makūúhe.**
301. **Caburé (espécie Strix), mubó.**
302. **Urubu (espécie Catharista), mōgū.**  
/m-ógú/ DET-urubu
303. **Urubu (espécie Catharista), matsíga.**
304. **Gavião, médzáha.**
305. **Gavião, māródžikána.**
306. **Gavião, maguikīngua.**
307. **Gavião, mūtákoraápe.**
308. **Cardeal (Cardinalis cucullatus), mörōbik(u)ir.**  
Cf. n°1 mundokuír ‘cabeça’, n°154 máhokuír ‘chapéu’.
309. **Rã ou sapo, mītóhu.**
310. **Rã ou sapo, ōpigadžénye.**
311. **Rã ou sapo, māguárété.**
312. **Rã ou sapo, mátroguá.**
313. **Rã ou sapo, mādóvi.**
314. **Senembu (um lagarto grande), míkuahu.**
315. **Papa-vento (um lagarto grande), mītámūhă.**
316. **Orisso (uma espécie de lagartixas), maroyáve.**
317. **Lagartixa, mipéeri.**
318. **Lagartixa, mihă.**
319. **Lagartixa, mībírėkn.**

320. **Jacaré (Crocodylus sclerops)**, miko.  
Cf. n°112 mibǎ́ko ‘tigela de jacaré’.  
/m-ikú/ (Palácio 1984), /m-ikó/ (Postigo 2009) **DET-jacaré**
321. **Sucuri (espécie Boa)**, mikúari, C. miquari.  
/m-ikʷári/ **DET-sucuriju**
322. **Cascavel**, C. mijii.
323. **Serpente**, C. mojijipao.
324. **Cágado (espécie Platemys)**, mútaab(i)r.  
[m-ótábú] **DET-jabuti**
325. **Peixe**, C. megenti.  
/m-égĩtí/ **DET-peixe**
326. **Piranha (Serasalmo piraya)**, mút(i)r.  
/m-óti/ **DET-piranha**
327. **Curimbatá**, mivó.
328. **Cascudo**, mád(i)r.
329. **Cará**, mīboóťší.
330. **Pacu**, muguāakuá.  
Cf. n°7 makuá ‘dente’.  
/m-ogʷákʷá/ **DET-pacu**
331. **Pacupeba**, múpá.  
/m-opá/ **DET-pacupeba**
332. **Pintado**, mapír.  
/m-apí/ **DET-pintado**
333. **Peixe parecido com pintado**, matťší.
334. **Jaú (peixe)**, mīpěžěgntí.  
/m-óto-đz-égĩtí/ **DET-AUM-E-peixe**
335. **Traíra (peixe)**, mǎpí.  
/ma-pí/ **DET-traíra**
336. **Borboleta**, muboóta.
337. **Borboleta**, mandagúnta.
338. **Mosca**, maié.  
/ma-jé/ **DET-mosca**

339. **Mosca**, mádzĩhĩ.
340. **Mutuca**, nivóoto.
341. **Mosquinha**, mǎrōrě.
342. **Manduri (uma espécie de abelhas)**, manópinõ.
343. **Marimondo**, maguáha.
344. **Mel**, mápagua.  
Cf. n°345.  
**/ma-pág<sup>wá</sup>/ DET-mel**
345. **Piolho da cabeça**, mápagua.  
Cf. n° 344.
346. **Mosquito**, maká.  
**/ma-ká/ DET-mosquito**
347. **Formiga**, mǎrómō.  
**/marómu/ DET-formiga.de.fogo (Vicente)**
348. **Formiga**, mufǎra.
349. **Sáúva**, mukuĩr.  
Para kuir, cf. n°1 mundokuĩr ‘cabeça’.
350. **Tocanguira**, mĩšĩēb(i)r.
351. **Tocanguira**, magũ(ng)děráhũ.
352. **Grilo**, tomoiēēié.
353. **Grilo**, mašiōót(i)r.
354. **Grilo**, movĩriri.
355. **Grilo**, mǎkóōdyě.
356. **Grilo**, maiyéhe.
357. **Sanguessuga**, mǎtšō(ng)tǎ.
358. **Caranguejo**, mútǎ.
359. **Caracol**, mapagopé.
360. **Molusco**, māguāžĩpĩ.

361. **Molusco**, maguóě.  
 362. **Molusco**, miúri.  
 363. **Molusco**, mutídăguā.

## VI. Plantas

364. **Árvore**, madár, C. mador.  
 Cf. n°365 madár ‘madeira’, n°366 makuadár ‘folha’, n°384 matoadár ‘flor’, n°374 maguidă ‘cana de açúcar’, n°396 múkuadă ‘palmeira acuri’.  
**/m-adá/ DET-árvore**
365. **Madeira**, madár.  
 Cf. n°364 madár ‘árvore’, n°85 madyuädă ‘zinga’, n°89 maandáko ‘cabo do machado’, n°91 múšaadá ‘prato de madeira’, n°96 máguaadă ‘colher de madeira grande’, n°97 mákuada ‘espátula para sopa’, n°123 mu(n)dă ‘cesta’, n°139 matéadaápara ‘faca para tecer’, n°140 madáhuitši ‘fuso’ n°144 madátiadaápana ‘tear’, n°145 magadidă ‘arco para alisar o algodão cru’, n°149 mádaakútši ‘esteira de dormir de folhas da palmeira acuri’, n°152 mīkīrbădă ‘banco de sentar’, n°168 madápi ‘flecha com ponta de osso’, n°175 madápi ‘haste de bambu da flecha’, n°176 eida ‘haste de bambu do arpão’, n°178 mundada ‘revestimento das penas na flecha de criança’.  
**/m-adá/ DET-pau**
366. **Folha**, makuadár.  
 Cf. n° 364 e 365 madár ‘árvore’ e ‘madeira’. Cf. n°7 makuá ‘dente’.  
**/ma-kú-áda/ DET-folha-árvore (Postigo 2009)**
367. **Raiz**, matána.  
**/ma-tana/ DET-raiz**
368. **Ramo**, ik(i)ryabó.  
 Cf. n°40 makír ‘cabelo’.  
**cf. /bɔ/ ‘galho’**
369. **Flor**, matoadár.  
 Cf. n°364 madár ‘árvore’, n°409 nitoavi ‘bom, bonito’.
370. **Milho**, madžéro, C. majei.  
**/ma-džéru/ DET-milho**
371. **Feijão**, moparóha, C. moupariroca.  
**/m-apatfíróka/ DET-feijão**
372. **Batata doce**, C. mouka.  
**/m-óka/ DET-batata.doce**

373. **Mandioca**, mamá.  
Cf. n°121 ugoágoma ‘peneira para mandioca’, n°122 mateúkuma ‘ralador de mandioca’.  
/ma-ma/ DET-mandioca
374. **Cana de açúcar**, maguidá.  
Cf. n°462 arogueda ‘chupar cana de açúcar’.  
/ma-g<sup>w</sup>eda/ DET-cana
375. **Banana**, máguãdžá, C. maquajaha.  
/ma-g<sup>w</sup>ádžá/ DET-banana
376. **Figueira**, mūká.
377. **Mangaba**, mararita.
378. **Palmeira tucum**, máguaaguetší.  
Cf. n°379, n°142 mutší ‘algodão’.  
/m-ug<sup>w</sup>ág<sup>w</sup>édži/ DET-tucum
379. **Fruto da palmeira tucum**, matakúuvetší.  
Cf. n°378.
380. **Palmeira acuri**, mūkūadá, C. midjii.  
Cf. n°366 makuadár ‘folha’.  
/m-ídze/ (PL) [mídži] (PO) DET-acuri
381. **Palmeira carandá**, múf(i)r.  
/m-ófi/ DET-carandá
382. **Jatobá**, mŭku.  
Cf. n°76 makú ‘pedra’.  
/m-óku/ DET-pedra
383. **Ingá (árvore)**, mirádža.
383. a) **Embaúba**, mamáadá
384. **Fruto de sibotá**, matší.
385. **Unha de gato (arbusto com espinhas)**, mákugubó.
386. **Pau d’alho**, mīpöögadā.
387. **Roncador**, mōguáadó.
388. **Tarumã**, madó.  
/m-adó/ DET-tarumã
389. **Forno d’água**, mīguátă.

390. **Aguapé (planta aquática)**, mudáda.  
/m-ódáda/ DET-aguapé

## VII. Adjetivos

391. **Branco**, mákuó.  
Cf. n°221 C. akua-chou ‘(homem) branco’.  
/m-ák<sup>w</sup>ó/ IPFV-branco
392. **Preto**, ipé.  
/m-ípé/ IPFV-preto
393. **Azul**, rápoukuadá.  
Cf. n°394 marápou ‘verde’.  
/rápøhu-kú-adá/
394. **Verde**, marápou.  
Cf. n°393 rápoukuadá ‘azul’.  
/ma-rápøhu/ IPFV-azul
395. **Vermelho**, marátšo.  
/ma-rátʃo/ IPFV-amarelo
396. **Amarelo**, úpive.  
Cf. n°49 múpina ‘lua’.
397. **Escuro**, aguári.
398. **Claro**, matúúdzá.
399. **Limpo**, níšia.
400. **Transitável**, nábí.  
Cf. a frase 3.
401. **Sujo**, mirori.  
/íriri/ sujar-se
402. **Grande**, tōōfǎé.  
Para tōō, cf. n°443 toopũ(ng) ‘muitos’, n°404 toguétša ‘alto’, n°413 notó ‘duro’, n°83 C. moutomouu ‘barco grande’. Para fǎé, cf. n°39 mafǎé ‘pele’.  
/fé/ grande
403. **Pequeno**, dzaví.  
/(dʒ)áví/ pequeno
404. **Alto**, toguétša.  
Para to, cf. n°443 toopũ(ng) ‘muitos’, n°402 tōōfǎé ‘grande’, n°413 notó ‘duro’.

405. **Baixo**, diópada.
406. **Quente**, na(a)pír, C. apeu ‘calor’.  
Cf. n°50 mabír ‘estrela’, n°115 mápir ‘broca para fazer fogo’.  
/pí/
407. **Frio**, nakarákuaiu, C. maraquai ‘frio’.  
/na-ki-rák<sup>w</sup>á-jo/ IND-sentir-frio-1SG
408. **Distante**, okuóheya.  
Cf. a frase 6. Pahe na frase 21 ivia pahe ‘eles não vão longe’.  
/ario-k<sup>w</sup>ója/ DN-longe (Eufrásia)
409. **Bom**, bonito, nitoavi, C. itoa ‘bom’.  
Cf. a frase 4.  
/ítivi/ **bom, bonito**
410. **Bonito**, C. nitou.
411. **Ruim**, nikiiro, C. mifau.
412. **Repugnante**, C. mifau.
413. **Duro**, notó.
414. **Pesado**, C. itavo.  
/ítavi/
415. **Leve**, C. nitaan.
416. **Selvagem**, nakédza.
417. **Manso**, nanīndé.
418. **Preguiçoso**, C. eiguaoraea.  
[nítúg<sup>w</sup>aharaka] “é preguiçoso” (Vicente)
419. **Diferente**, outro, iogr̃.  
Cf. as frases 28 e 33.

### VIII. Numerais

420. **Um**, tšénehe, C. tchenai.  
Cf. n°425 tšenekaéhera ‘seis’, n°430 tšenehebó ‘onze’, n°438 C. tchenai-ai-quachoibo ‘dezesesseis’, n°440 c. tchenai-jiga ‘vinte e um’.  
/tšéne/ **um**



421. **Dois**, dúni, C. dou-ouni.  
Cf. n°426 dunikaéhera ‘sete’, n°431 duniimbó ‘doze’, n°436 C. douounai-ai-quachoibo ‘dezessete’.  
**/dúni/ dois**
422. **Três**, tšúmo, C. tchoum.  
Cf. n°427 tšumokaéhera ‘oito’, n°432 tšumoimbó ‘treze’, n°437 C. tchoum-ai-quachoibo ‘dezoito’.  
**/tʃúmu/ três**
423. **Quatro**, deéka(i)r, C. dekai.  
Cf. n°428 deka(i)r kaékaira ‘nove’, n°433 deekairkairkairbó ‘catorze’, n°438 C. dekai-ai-quachoibo ‘dezenove’.  
**/rékai/ quatro**
424. **Cinco**, tóhera, C. toera.  
Cf. n°14 mará ‘mão’. Para ra, cf. de n°425 ‘sechs’ a 429 ‘zehn’.  
**/tóherá/ cinco**
425. **Seis**, tšenekaéhera, C. tchenai-caicaira.  
Cf. n°420 tšénehe ‘um’. Para hera, cf. n°424 tóhera ‘cinco’, n°14 mará ‘mão’.  
**/tʃéne kaéka i-rá/ um ? 3-mão**
426. **Sete**, dunikaéhera, C. dououini-caicaira.  
Cf. n°421 dúni ‘dois’. Para hera, cf. n°424 tóhera ‘cinco’, n°14 mará ‘mão’.  
**/dúni kaéka i-rá/ dois ? 3-mão**
427. **Oito**, tšumokaéhera, C. tchoum-caicaira.  
Cf. n°422 tšúmo ‘três’. Para hera, cf. n°424 tóhera ‘cinco’, n°14 mará ‘mão’.  
**/tʃúmu kaéka i-rá/ três ? 3-mão**
428. **Nove**, deka(i)rkaékaira, C. dekai-caicaira.  
Cf. n°423 deéka(i)r ‘quatro’. Para hera, cf. n°424 tóhera ‘cinco’, n°14 mará ‘mão’.  
**/rékai kaéka i-rá/ quatro ? 3-mão**
429. **Dez**, kinyuira, C. quinoida.  
Para ra, cf. n°14 mará ‘mão’.  
**/kínu i-rá/ COMP.dez 3-mão**
430. **Onze**, tšenehebó, C. tchenai-ai-caibo.  
Cf. n°420 tšénehe ‘um’, n°20 mabó ‘pé’.  
**/tʃéne i-bɔ/ um 3-pé**
431. **Doze**, duniimbó, C. douounai-ai-caibo.  
Cf. n°421 dúni ‘dois’, n°20 mabó ‘pé’.  
**/dúni i-bɔ/ dois 3-pé**

432. **Treze**, tšumoimbó, C. tchoum-ai-caibo.  
Cf. n°422 tšúmo ‘três’, n°20 mabó ‘pé’.  
/tʃúmu i-bɔ/ três 3-pé
433. **Quatorze**, deekairkairkairbó, C. dekai-al-caibo.  
Cf. n°423 deéka(i)r ‘quatro’, n°20 mabó ‘pé’.  
/rékai i-bɔ/ quatro 3-pé
434. **Quinze**, C. quinoibo.  
Cf. n°10 C. quinoída, n°20 mabó ‘pé’.  
/ká-vĩ-bɔ/ COMP.quinze- COMP.quinze-pé
435. **Dezesseis**, C. tchenai-ai-quachoibo.  
Cf. n°420 tšénehe ‘um’, n°20 mabó ‘pé’.  
/tʃéne detʃúa/ um ?
436. **Dezessete**, C. douounai-ai-quachoibo.  
Cf. n°421 dúni ‘dois’, n°20 mabó ‘pé’.  
/dúni detʃúa/ dois ?
437. **Dezoito**, C. tchoum-ai-quachoibo.  
Cf. n°422 tšúmo ‘três’, n°20 mabó ‘pé’.  
/tʃúmu detʃúa/ três ?
438. **Dezenove**, C. dekai-ai-quachoibo.  
Cf. n°423 deéka(i)r ‘quatro’, n°20 mabó ‘pé’.  
/rékai detʃúa/ quatro ?
439. **Vinte**, C. quinoui-quachoibo.  
Cf. n°20 mabó ‘pé’.  
/kʷá<sup>42</sup>-vĩ-bɔ/ COMP\_20- COMP\_15-pé
440. **Vinte e um**, C. tchenai-jiga. Cf. n°420 tšénehe ‘um’.  
/kʷá-vĩ-bɔ tʃéne-já/  
COMP\_20-COMP\_15-pé um- COMP.21\_25
441. **Vinte e seis**, C. dechagiga.  
/kʷá-vĩ-bɔ tʃéne-já kaéka i-rá/  
COMP\_20-COMP\_15-pé um-COMP.21\_25 ? 3-mão
442. **Trinta**, C. tchenai-jiga-caicaíra.  
/kʷá-vĩ-bɔ kí-dʒ-e-rá/  
COMP\_20-COMP\_15-pé COMP\_10-E-3-mão

<sup>42</sup>. Para os morfemas /kʷá/ e /vĩ/, optou-se por manter, na segmentação dos numerais, COMP de ‘composto’, tal como Palácio (1984: 83) o faz. Isso não quer dizer que /kʷá/ e /vĩ/ devam ser interpretados com um determinado valor aritmético, mas que são morfemas segmentáveis que ainda precisam de uma análise mais rigorosa do cálculo que operam. (Nota de T.)

**IX. Partículas e os demais elementos.**

443. **Muitos**, toopũ.  
Cf. a frase 15. Cf. n°446 deepũ ‘quantos’. Para to, cf. n°402 tööfǎ ‘grande’, n°404 toguétša ‘alto’.  
**/pú/ muito**
444. **Algo**, algumas coisas, era.  
Cf. a frase 9.
445. **Como é?** diruadé.  
Cf. a frase 2.
446. **Quantos?** Deepũ.  
Cf. a frase 5. Cf. o n°443 toopũ ‘muitos’.  
**/dépũ/**
447. **Quando?** navaéekigi.  
Cf. a frase 8.  
**/dávékígi/**
448. **Lá, aqui** (a partícula que indica o lugar da ação), hani.  
Cf. a frase 4.
449. **Para lá** (a partícula que indica o lugar para o qual a ação se dirige), he (também hi). Cf. a frase 7.
450. **Aqui, esse aqui**, gine.  
Cf. a frase 4. Cf. o n°453 digń (digine) ‘agora’.  
**/gíne/ aqui**
451. **De volta**, tša.  
Cf. a frase 7.
452. **De novo**, namara.  
Cf. as frases 10 e 12.
453. **Agora**, digń.  
Para gń, cf. o n°450 gine ‘aqui’.  
**/digĩ/ agora**
454. **Nunca mais**, nianinǎsovirmara.  
Cf. a frase 10. Para mara, cf. o n°452 namara ‘de novo’.
455. **Por isso**, iruadeye eraaye.  
Cf. a frase 25. Para iruadeye, cf. o n°445 diruadé ‘como é’.

456. **A negação não**, égu,  
Cf. ego na frase 23. C. mau: a negação que aparece junto aos verbos que contêm a vogal i, cf. a frase 12.  
**/éigo/ não**
457. **Sim**, C. ii.
458. **Forma de saudação**, oihebí.  
Cf. a frase 1.  
**/óhebe/**
459. **Vamos!** kúra.  
Cf. a frase 39 kúra gúteradya ‘vamos embora!’  
**/kúra/ vamos**

## X. Verbos.

460. **Beber**, gogígn.  
Cf. o n°94 matšúugiírgn ‘copo’.  
**/ógógĩ/ beber**
461. **Comer**, guárogń (evidentemente, é a forma da segunda pessoa, ou seja, ‘tu comes’), C. aroeuguen.  
Cf. o n°462 arogueda ‘chupar cana de açúcar’.  
**/g<sup>w</sup>a-ro-gĩ/ 2-comer-INTRZ**
462. **Chupar cana de açúcar**, arogueda.  
Cf. a frase n°374 maguidá ‘cana de açúcar’, n°461 guárogń ‘comer’.
463. **Fumar**, gúahegi, (evidentemente, é a forma da segunda pessoa, ou seja, ‘tu fumas’).  
Cf. o n°70 mugí ‘fumaça’, n°119 matáhegi ‘charuto’.  
**/g<sup>w</sup>a-hēgigi/ 2-fumar**
464. **Fazer**, ónō(ho)nǎ.  
**/nuna/ fazer**
465. **Acender fogo**, ogapoégota ‘acenda o fogo!’, igapoégota ‘eu acendo o fogo’.  
Cf. a frase 37.  
**/o-gápó(jeni) go-ta/ imperativo-acender DET-fogo**  
**/i-gápó(jeni) go-ta/ 3-acender DET-fogo**
466. **Fixar**, C. ooutchai (fr. attacher).
467. **Afiar**, mageho(u)etševai.  
Cf. o n°101 matšeévai ‘facão usado no mato’, n°102 mipor(i)tševáii ‘faca’.  
Para –vai, cf. o n°118 vaigukuárigakú ‘pedreira’.
468. **Estar deitado**, okúgua.  
**/o-kíg<sup>w</sup>a/ IMP-deitar**

469. **Dormir**, adákuani, C. kouni.  
/kíni/ **dormir**
470. **Estar sentado**, āgáhăgĩ, C. naguagueu.
471. **Ir**, nakáni. okani ‘eu vou’, eguava ‘tu vais’.  
Cf. a frase 3 guava ‘você vai’ e ivia ‘eles não vão’. Ahodyíka ‘nós vamos’,  
dehia tšamohióvoro ‘eu vou para casa’. Cf. a frase 38.  
/na-káni/ **IND-andar**  
/o-káni/ **IMP-andar**
472. **Correr**, C. niguouai.
473. **Viajar**, kīraugōhěgn.  
guakérehi ‘quando/enquanto você viajava’. Cf. a frase 2. Cf. góhegá na frase  
21. Cf. a frase 11 kaioguak(i)rgi ‘aonde você vai?’.
474. **Buscar (ir e trazer)**, hăríka.  
Cf. n°118 vaígukuárigakú ‘pedreira’?  
/haríka/ **buscar**
475. **Trazer**, hōdókíă.  
Cf. a frase 9 ōdókiderahani ‘para nos trazer algumas coisas’.  
/dóki/ **trazer**
476. **Dar**, adomahi (‘eu dou’).  
Cf. a frase 35.  
/dóma/ **dar a você**.
477. **Atirar com flecha**, ukuēnikúni.
478. **Caçar**, C. yavarou.
479. **Matar**, kērăgăgũ(ng), C. wadoubegou.  
/kíra ga-gũ/ **HORT ?-matar**
480. **Bater**, nekéera, C. negoun.
481. **Brigar**, áhedžažín(g).  
/hidžadží/ **brigar**
482. **Remar**, oióga.  
Naiogaíó ‘eu remo’, naióga ‘ele rema’, naiogahi ‘nós remamos’, guatšiaióga  
‘vocês remam’.
483. **Lavar**, kuafú, C. waafé.
484. **Limpar**, ōguáhadya.

485. **Cortar**, mākimbó.
486. **Atirar**, guáyă(hă).
487. **Morder**, C. eta.  
/e-tá/ **3-morder**
488. **Falar**, C. moufeu.  
/m-ótí/ **DET-fala**
489. **Chamar**, ōkáaye.  
/kajé/ **chamar**
490. **Perguntar**, déhogíma ‘ela pergunta’.  
Cf. a frase 31.
491. **Nadar**, naafúrnigúgn, C. afeaeuni.  
/na-fĩ-ni-gĩ/ **IND-nadar-PER-água “Ficar nadando na água”**
492. **Mergulhar**, C. afeugua.
493. **Cantar**, máho, C. maho.  
Cf. o n°124 magáhu ‘viola’.  
/m-áho/ **IPFV-cantar**
494. **Dançar**, vāgaátša, C. agacha.  
Cf. o n°129 magaragatša ‘caracacha’.  
/ma-gátša/ **IPFV-dançar**
495. **Rir**, guăkuáhu.  
/k<sup>w</sup>áhogú/ **rir**
496. **Estar contente**, C. atarijou.
497. **Chorar**, mahóne ‘ela chora’, C. aouni.  
Cf. a frase 31.  
/ma-uni/ **IPFV-chorar**
498. **Espirrar**, mátsia, C. atchian.
499. **Defecar**, kēragōkú.  
/kíra go-kú/ **HORT ?-defecar**
500. **Urinar**, ípinar.  
/piná/ **urinar**
501. **Soltar gases**, dítšídōšī.
502. **Morrer**, vátšōgă.

**/ma-tʃɔ́gá/ IPFV-morrer**

503. **Ver, saber**, guatšír ‘tu vês’.  
Cf. a frase 2. kĭbetšír (cf. a frase 23) e akeheibetšír (cf. a frase 28) ‘eles não sabem’.  
**/g<sup>w</sup>a-dʒó/ 2-ver**
504. **Ficar cansado**, C. acoura.  
**/na-kiraká/ IND-estar.cansado**
505. **Estar doente**, nákvě, C. akouai ‘doente’.  
**/na-kive/ IND-estar.doente**
506. **Febre**, C. apouja.
507. **Ter medo**, montaguagagátu ‘ele tem medo de espingarda’.  
Cf. o n° 138 gatu ‘espingarda’, cf. a frase 36.  
**/m-otág<sup>w</sup>aga/ IPFV-temer**

### C. Lista do vocabulário em ordem alfabética

Abano contra mosquitos 158	Bom, bonito 409
Abano para fogo 116	Bombilha 105
Acender fogo 465	Boneca de pano 135
Acuri 380	Bonito 410
Afiar 467	Borboleta 336, 337
Agora 453	Braço 16
Água 61	Braço do rio 65
Aguapé 390	Branco (não índio) 221
Aguardente de cana de açúcar 111	Branco 391
Algo, algumas coisas 444	Brigar 481
Algodão 142	Broca para fazer fogo 115
Alto 404	Bugio 230
Amarelo 396	Buscar (ir e trazer) 474
Amassa-barro 287, 288	Cabeça 1
Andorinha 284, 285	Cabeça seca (ave) 273
Anhuma 265	Cabelo 40
Aqui, esse aqui 450	Cabo do machado 89
Aracuã 264	Caburé 301
Arara (azul) 255	Caçar 478
Arara (vermelha) 256, 257	Cachoeira 66
Arco 161	Cachorro 236
Arco para alisar o algodão cru 145	Cafezinho (ave) 296
Arco para atirar com balas de barro 163	Cágado 324
Arco-íris 55	Caixa 114
Árvore 364	Calça 156
Asa 46	Caminho 75
Atirar 486	Camisa 155
Atirar com flecha 477	Campina 74
Azul 393	Cana de açúcar 374
Baía 63	Cancão 271
Baixo 405	Cantar 493
Bala de barro para atirar 164	Canudo de cana para beber chicha 104
Banana 375	Capivara 251
Banco para sentar 152	Cará 329
Barco 83	Caracaxá 129
Barriga 34	Caracol 359
Barro 165	Caranguejo 358
Batata doce 372	Carão 279
Bater 480	Cardeal 308
Beber 460	Carne 38
Bico 45	Casa 78
Bigua 293, 294	Casa de festa 82
Boca 5	Casca de cabaça 107
Boca d'água 229	Cascavel 322
Boi 233	Cascudo 328



- Catorze 433  
Cauda 47  
Cavalo 234  
Cérebro 2  
Cervo 237  
Cervo do pantanal 238  
Cesta 123  
Céu 51  
Chamar 489  
Chapéu 154  
Charuto 119  
Chocalho de cabaça 109  
Chocalho feito casco dos animais unglados 131  
Chorar 497  
Chupar cana de açúcar 462  
Chuva 54  
Cílio 41  
Cinco 424  
Cinzas 71  
Claro 398  
Cola de peixe para prender a ponta de osso 190  
Colar de sementes de capim 160  
Colher 95  
Colher de madeira grande 96  
Colhereiro 280  
Comer 461  
Como é? 445  
Concha de caracol para beber 99  
Concha para comer sopa 98  
Copo 94  
Coração 35  
Corda da viola 125  
Corda de arco 168  
Corda do arpão 189  
Corneta para chamar 130  
Correr 472  
Cortar 485  
Corte na flecha de criança 188  
Corte na flecha de osso 186  
Corte na flecha de taquara 185  
Corte na flecha para pássaro 187  
Cotovelo 17  
Crista do galo 44  
Cunhado 216  
Curicaca 289, 290  
Curimbatá 327  
Cutia 250  
Dançar 494  
Dar 476  
De novo 452  
De volta 451  
Dedo da mão 18  
Dedo do pé 24  
Defecar 499  
Dente 7  
Deus 224  
Dez 429  
Dezenove 438  
Dezesseis 435  
Dezessete 436  
Dezoito 437  
Dia 59  
Diabo 225  
Diadema 133  
Diferente, outro 419  
Distante 408  
Dois 421  
Dormir 469  
Doze 431  
Duro 413  
Ema 266  
Embaúba 383a  
Escravo de Juan Pinto (ave) 300  
Escuro 397  
Espátula para sopa 97  
Espinha de raia (instrumento contra a dor de dente) 134  
Espirrar 498  
Esporão do galo 43  
Esposa 211  
Esposo 210  
Esquilo 247  
Estar contente 496  
Estar deitado 468  
Estar doente 505  
Estar sentado 470  
Esteira de dormir de folhas da palmeira acuri 149  
Esteira de dormir de junco 148  
Estrela 50  
Faca 102  
Faca para tecer 139  
Facão usado no mato 101  
Faixa de pulso 157

- Falar 488  
 Fazer 464  
 Febre 506  
 Feijão 371  
 Feixe de penas para orelhas 132  
 Ficar cansado 504  
 Fígado 33  
 Figueira 376  
 Filha 194  
 Filho 193  
 Fio 143  
 Fixar 466  
 Flecha 166  
 Flecha arpão 171  
 Flecha com a ponta de caule de taquara 167  
 Flecha com a ponta de osso 168  
 Flecha de criança 170  
 Flecha para pássaro 169  
 Flor 369  
 Floresta 73  
 Fogo 68  
 Folha 366  
 Formiga 347, 348, 349, 350, 351  
 Forno d'água 389  
 Frango d'água 292  
 Frio 407  
 Fruto da palmeira tucum 379  
 Fruto de sibotá 384  
 Fumaça 70  
 Fumar 463  
 Fuso 140  
 Fuzil 138  
 Gaivota 281  
 Galo 260  
 Garça cinza 278  
 Garfo 103  
 Garganta 12  
 Gastão do fuso 141  
 Gavião 304, 305, 306, 307  
 Gente 217  
 Gralha 286  
 Grande 402  
 Grilo 352, 353, 354, 355, 356  
 Haste de bambu da flecha 175  
 Haste de bambu do arpão 176  
 Ilha 67  
 Índio 222  
 Ingá 383  
 Ir 471  
 Irmã 197  
 Irmã da mãe 201  
 Irmã do pai 200  
 Irmão da mãe 199  
 Irmão do pai 198  
 Irmão mais novo 196  
 Irmão mais velho 195  
 Jabiru 275  
 Jacaré 320  
 Jacutinga 262  
 Jaguatirica 241  
 Jaó 291  
 Jarro de barro 92  
 Jatobá 382  
 Jaú 334  
 Joelho 22  
 Lá, aqui 448  
 Lábio 6  
 Lagartixa 317, 318, 319  
 Lago 64  
 Lança 137  
 Lavar 483  
 Lenha 69  
 Leve 415  
 Limpar 484  
 Limpo 399  
 Língua 4  
 Lobo 242  
 Lontra 245  
 Lua 49  
 Macaco (espécie) 226  
 Macaco 227  
 Machado 88  
 Madeira 365  
 Mãe 191  
 Mãe da esposa 215  
 Mãe da mãe 205  
 Mãe do esposo 214  
 Mãe do pai 203  
 Maguari 298, 299  
 Mamilo 27  
 Mandioca 373  
 Manduri (uma espécie de abelhas) 342

- Mangave 377  
Manso 417  
Mão 14  
Marimbondo 343  
Marreca 283  
Matar 479  
Mel 344  
Mergulhar 492  
Milho 370  
Molusco 360, 361, 362, 363  
Montanha 72  
Morcego 231  
Morder 487  
Morrer 502  
Mosca 338, 339  
Mosquinha 341  
Mosquiteiro 159  
Mosquito 346  
Mucura 244  
Muitos 443  
Mulato 223  
Mutuca 340  
Mutum 261  
Nadar 491  
Não 456  
Nariz 8  
Negro 220  
Neta 207  
Neto 206  
Ninho 253  
Noite 60  
Nove 428  
Nunca mais 454  
Nuvem 53  
Oito 427  
Olho 9  
Ombro 15  
Onça pintada 240  
Onze 430  
Orelha 10  
Orifício redondo da viola 127  
Orisso (uma espécie de lagartixas) 316  
Paca 246  
Pacu 330  
Pacupeba 331  
Pai 192  
Pai da esposa 213  
Pai da mãe 204  
Pai do esposo 212  
Pai do pai 202  
Palmeira carandá 381  
Palmeira tucum 378  
Panela 93  
Papagaio 254  
Papa-vento (um lagarto grande) 315  
Para lá 449  
Pássaro, ave 252  
Pato 282  
Pau d'alho 386  
Pé 20  
Peça de madeira interposta da flecha de osso 182  
Peça de madeira interposta da flecha de taquara 181  
Pedra 76  
Pedra para triturar grãos 117  
Pedreira 118  
Peito 28  
Peixe 325  
Peixe parecido com pintado 333  
Pele 39  
Pele de cervo 151  
Pele de onça pintada 150  
Pena da haste da flecha de taquara 183  
Pena da haste da flecha para pássaro 184  
Peneira para a farinha de mandioca 121  
Pênis 31  
Pequeno 403  
Perdiz cinzenta 263  
Perguntar 490  
Periquito 258, 259  
Perna 21  
Pesado 414  
Pescador (ave) 272  
Pescoço 11  
Pica-pau 297  
Pintado 332  
Piolho da cabeça 345  
Piranha 326  
Planta do pé 23  
Polegar 19  
Pombo 267, 268, 269  
Ponta de madeira da flecha para pássaro 174  
Ponta de osso da flecha 173

Ponta de taquara da flecha 172	Runcador 387
Popa do barco 87	Sangue 36
Pôr do sol 58	Sanguessuga 357
Por isso 455	Sariema 295
Porco 235	Saudação 458
Porrete 136	Seis 425
Porta 81	Selvagem 416
Povoado 79	Senembu 314
Prata 77	Serpente 323
Prato de barro 90	Sete 426
Prato de madeira 91	Sim 457
Preá 249	Sobrancelha 42
Preguiçoso, 418	Socó 276
Preto 392	Sol 48
Primo mais novo 209	Soltar gases 501
Primo mais velho 208	Sopa de banana 100
Proa do barco 86	Suco da palmeira acuri fermentado (chicha) 110
Quando? 447	Suco da palmeira acuri fermentado 110
Quantos? 446	Sucuri 321
Quati 232	Sujo 401
Quatro 423	Tabaco 120
Queixo 13	Tapir 239
Quente 406	Tarracha da viola 126
Quinze 434	Tarumã 388
Rã ou sapo 309, 310, 311, 312, 313	Tatu 243
Raiz 367	Tear 144
Ralador para mandioca 122	Telhado 80
Ramo 368	Ter medo 507
Rapaz 218	Terra 52
Rato 248	Testa 3
Recipiente de cabaça 108	Tigela da parte ventral do casco de jacaré (grande) 112
Recipiente de cabaça para tomar mate 106	Tigela da parte ventral do casco de jacaré (pequena) 113
Rede de algodão 146	Tocanguira 350, 351
Rede de fibra da palmeira tucum 147	Toucinho 37
Região do osso sacro 29	Traíra 335
Relâmpago 57	Transitável 400
Remo 84	Traseiro 32
Repugnante 412	Trazer 475
Revestimento da flecha 177	Três 422
Revestimento das penas na flecha de criança 178	Três fios transversais na extremidade superior da viola 128
Revestimento de algodão na flecha 179	Treze 432
Revestimento de algodão no arpão 180	Trinta 442
Rio 62	Trovão 56
Rir 495	Tucano 270
Roupa 153	Tuiuíú 274
Ruim 411	Um 420

Umbigo 30	Vermelho 395
Unha do dedo da mão 25	Viajar 473
Unha do dedo do pé 26	Vinte 439
Urinar 500	Vinte e seis 441
Urubu 302, 303	Vinte e um 440
Vamos! 459	Viola 124
Velho, velha 219	Iocó 277
Ver, saber 503	Zinga 85
Verde 394	

## IV. Frases

1. oihebí  
bom dia  
/óhebe/

2. diruadé	guakérehi	nagua	guatšír	gudžéekũ(ng)
como é	quando você está viajando	o que	você viu	[n]o rio? <sup>43</sup>
?	<i>g<sup>w</sup>á ké-rehe</i>	?	<i>g<sup>w</sup>a-dží</i>	<i>go-džékĩ</i>
?	<b>para viajar-2INT</b>	?	<b>2-ver</b>	<b>DET-rio</b>

*diruadé* (também *iruadé*, cf. as frases 23 e 34): bastante frequente, constitui um tipo de partícula interrogativa, tanto nas perguntas diretas (cf. as frases 3, 14 e 33) como nas indiretas (cf. as frases 23 *iruadé kibčé tšír* ‘eles não viam como era’, 28, 31 e 34). Segundo a Rosa, corresponde ao ‘como é’ em português. Por meio do acréscimo da sílaba *-ye*, recebemos *eruadeye*, que se assemelha a *eráaye* ‘por isso’ da frase 23<sup>44</sup>.

*guakérehi*: ‘quando você está viajando’. Cf. n°73 do vocabulário *kiraugohegn* e a frase 6.

Com base no material disponível, pode-se afirmar com segurança que *gua* constitui o pronome da segunda pessoa. Cf. *guatšír* ‘você vê/via’, *guavá* ‘você ia’. Também com substantivos, *guagi* ‘tua mãe’ (n°31), *guahiovir* ‘tua casa’ (n°78) e na expressão *iókaguak(i)rgi* ‘lá na sua costa, de onde você vem’.

*na*: parece ser uma partícula interrogativa, assim como *diruadé*, com o qual ocorre nessa frase e na seguinte. Na frase 8, ocorre na palavra interrogativa de tempo *navéekigide* ‘quando?’.

*guatšír*: conforme o dito acima, indica a segunda pessoa do verbo ‘ver’. Cf. as frases 5 e 34. Além disso, *kíbe tšír* na frase 23 e *akéhei be tšír* que foi traduzido como ‘eles não sabem’ na frase 28.

*gudžéekũ(ng)*: o rio. Cf. a frase 6 e o n°62 do vocabulário *madžéekũ(ng)*.

<sup>43</sup> Tradução para o português do próprio autor. Sempre que havia a tradução do autor, a preservamos, adaptando apenas a ortografia. (Nota de T.)

<sup>44</sup> A partícula que interroga sobre modo anotada por Palácio (1984:78, 116-7, 119) é *dári* ‘como’, que pode ser combinada com a partícula conjuntiva *g<sup>w</sup>á* ‘para’ (finalidade ou explicação), que exige o verbo auxiliar *dí*. Segundo a gramática de Palácio, a frase deveria ter a seguinte forma:

*dári g<sup>w</sup>a-dí g<sup>w</sup>á ké-rehe*  
**como 2-aux para viajar-2**

‘como você faz para viajar’ ou ‘como você viaja’ (Nota de T.)

3.	nābi está limpo ?	guavá aonde andaste <b>g<sup>w</sup>a-?</b>	diruadé como é? ?
----	-------------------------	---------------------------------------------------	-------------------------

*nabi*: sobre *na-* interrogativo, cf. a frase 2.

*guavá*: ‘você vai, você ia’. Cf. a frase 32, a frase 7 *hēgvouvádi* ‘para onde você vai agora?’, a frase 10 *mara guavá* ‘você vem de volta’ (assim como a frase 12), a frase 13 *neta guaavátsāna* ‘mesmo se você quiser vir de volta’, a frase 8 *deguavátsa* ‘você vem de volta?’, as frases 21 e 27 *iviá* ‘eles não vão’, a frase 22 *goširvuir viá* ‘as pessoas não vão’. Cf. *ive* nas frases 21 e 25.

*diruadé*: cf. a frase 2.

4.	goširvuir gente <b>go-ŷéuví</b> <b>DET-gente</b>	di-toa-ǵñ agora (estão) bons <b>ad-ítivi digĩ</b> <b>DN-bom agora</b>	hani lá? ? ?
----	-----------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------	-----------------------

*goširvuir*: radical *širvuir*. Com o prefixo abstratizante *ma-*, *maširvuir* ‘gente, pessoas’. Cf. as frases 5, 15, 21, 23 e 28.

*ginç goširvuir* ‘essas pessoas’ (as frases 22 e 27). Cf. n°135 do vocabulário *mašióvir* ‘boneca de pano’.

*di-toa-ǵñ*: *toa* é o radical do adjetivo *nitoavi* ‘bom, bonito’. Cf. as frases 14 e 31 e o n°409 do vocabulário.

*digĩ*: partícula de tempo ‘agora’. Cf. a frase 7 *hegvouvádigĩ* ‘para onde você vai agora?’, assim como as frases 12, 13 e 19.

*hani* (também abreviado até *han*): partícula de lugar, indica o lugar da ação, ‘lá/aqui’. Cf. a frase 9 *ōdōkideráhani* ‘para trazer algumas coisas aqui’, a frase 28 *gōširvuir iog(i)rhan* ‘aquelas pessoas lá’, a frase 30 *toopū(ng) koiéehani* ‘lá tem muitos animais domésticos?’, assim como as frases 32, 33 e 34.

5.	deepū(ng) quanto <b>dépū</b> <b>quanto</b>	gōahír gente <b>go-?</b> <b>DET-gente</b>	guatšír você viu? <b>g<sup>w</sup>a-dží</b> <b>2-ver</b>
----	-----------------------------------------------------	----------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------

*deepū(ng)*: ‘quantos’, palavra interrogativa relacionada à quantidade. Cf. *toopū(ng)* ‘muitos’ nas frases 15 e 30. Além da palavra *deepū(ng)*, a sílaba *de-* ocorre ligada a outros elementos em perguntas. Cf. *diruadé* ‘como é?’ na frase 2, *navčėkigide* ‘quando?’ na frase 8 e *deekuóheya* ‘é longe?’ na frase 6.

O verbo *dėhogńma* ‘ela pergunta’, nas frases 31 e 32, também contém a sílaba *de*.

*goahír*: aqui possui significado igual ao do *goširvuir*, cf. a frase 4.

*guatšír*: cf. a frase 2.

6.	deekuóheya está longe <b>?-k<sup>w</sup>ója</b> <b>?-longe</b>	odžėekū(ng) o rio <b>go-džėkĩ</b> <b>DET-rio</b>	guakérehi quando você está viajando <b>g<sup>w</sup>á ké-rehe</b> <b>para viajar-2INT</b>
----	-------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------

*deekuóheya*: sobre a sílaba de nas interrogativas, veja a frase 5.

*okuóheya*: ‘distante, muito distante’. Cf. as frases 11, 16, 29 e 32.

*odžěekū(ng)*: cf. a frase 2.

*guakérehi*: cf. a frase 2.

7. hēgvouvá	digñ	děkiatšáhio
aonde vai	agora?	já vou embora? <sup>45</sup>
<b>heg<sup>w</sup>á ?</b>	<b>digĩ</b>	<b>děkiádžá-jo</b>
<b>aonde ?</b>	<b>agora</b>	<b>ir-1SG</b>

*he* (também *hi*): assim como *hani* (cf. a frase 4), é uma partícula de lugar, mas indica o lugar para o qual a ação é direcionada. Cf. a frase 31 *dehogñma* *heguava* ‘ela pergunta para onde você foi’.

*guakérehi*: ‘quando você estava viajando’, cf. as frases 2 e 6.

*kiraugohégñ*: ‘viajar’, n°473 do vocabulário. Cf. as frases 7, 9, 10, 17 etc.

*va*: cf. a frase 3 *gua-va* ‘você vai’.

*digñ*: cf. a frase 4.

*děkiatšahio*: cf. as frases 9, 19 e 38. A sílaba *tša* também ocorre em ligação com outros elementos, demonstrando um significado semelhante, que parece corresponder ao ‘de volta’.

Cf. *guavatša* na frase 8 e *deteheyetšárehi* nas frases 31 e 33.

8. navčėekigi		deguavatšagine		
quando		você vem outra vez?		
<b>dávėkígí</b>	<b>da</b>	<b>g<sup>w</sup>a-va</b>	<b>ĩŕša</b>	<b>gíne</b>
<b>quando?</b>	<b>conjunção</b>	<b>2-?</b>	<b>locativo</b>	<b>aqui</b>

*navčėekigi*: ‘quando?’, cf. a frase 9.

Sobre *na-* nas interrogativas cf. a frase 2.

*de*: nas interrogativas cf. a frase 5.

*guava*: ‘você vem’ cf. a frase 3.

*tša*: cf. a frase 7.

*gine* (também *gñe*): ‘aqui’. Assim como na frase 33 (tínee ní) *gíne giog(i)r* ‘é como aqui ou diferente?’ (*iog(i)r* ‘diferente’) e nas frases 21 e 22 *gine goširvuir* ‘as pessoas aqui/ essas pessoas’.

9. navčėeki	tšáheri	ōdōki dera	hani
quando	você vem outra vez	trazer algumas coisas	para nós?
<b>dávėkígí</b>	<b>?</b>	<b>dóki déra</b>	<b>?</b>
<b>quando</b>	<b>?</b>	<b>trazer o.que?</b>	<b>?</b>

*navčėeki*: cf. a frase 8.

<sup>45</sup> Na tradução para o alemão, consta *gehst du schon fort?*, ou seja, *você já vai embora?* Apesar disto, em guató, o verbo ‘ir’ aparece com o sufixo de primeira pessoa singular *-jo*, concordando com a tradução em português de Schmidt (Nota de T.)

*tšáheri*: sobre tša e heri cf. a frase 7.

*ōdōki*: ‘trazer’, cf. o n°475 do vocabulário hōdókia.

*era*: ‘algumas coisas’, cf. *eráaye* ‘por isso’ na frase 23 e *erahani* nas frases 32 e 34.

*hani*: cf. a frase 4.

- |                      |                   |
|----------------------|-------------------|
| 10. nianinǎšovirmara | guavánihi         |
| nunca mais           | (agora) você vem. |
| ? ?                  | ?                 |

Na negação comum do verbo é sempre marcada pela vogal *i*. Assim, nesse caso temos *n-i-a-mara* ‘nunca mais’.

Cf. *inamarátēhēyēgñheedign* ‘você não vai voltar logo’ na frase 13, *ihegñdǐgn* ‘você não vai mais longe’ na frase 12 e *iviapahe* ‘eles não vão mais longe’.

Além disso, cf. as frases 21, 22, 24, 25, 23 e 28.

Com o mesmo significado ocorre *namara* nas frases 12 e 13.

guavá: ‘você vem’, cf. a frase 3.

hi: cf. a frase 7.

- |                               |                         |
|-------------------------------|-------------------------|
| 11. kaio kuóheya              | guak(i)rgi              |
| aonde você vem é muito longe. |                         |
| <b>kái-k'oja</b>              | <b>g<sup>wa</sup>-?</b> |
| EMPH-longe                    | 2-?                     |

*kuóheya*: ‘distante, muito distante’, cf. a frase 6.

*kaio-guak(i)rgi* (ou também *ioka-gua k(i)rgi*): ‘aonde você vai’ ou ‘lá na sua banda’. Cf. as frases 25, 29 e 30.

*gua* é o pronome da 2ª pessoa. Também cf. nas frases 14 e 21 *iokaguahe*, que possui o mesmo significado.

- |              |                  |      |                     |
|--------------|------------------|------|---------------------|
| 12. enamara  | guavá            | i    | hēgñ dǐgn           |
| quando chega | lá (na sua casa) | você | não vai mais longe. |
| ?            | ?                | ?    | ?                   |

*namára*: ‘de volta’, cf. a frase 10.

*guavá*: ‘você vem/vai’, se refere tanto às palavras antecedentes quanto à subsequentes. Cf. a frase 3.

*i*: negação, cf. a frase 10.

*hēgñ* (ou talvez, *he gñe*): ‘para cá’.

*he*, cf. as frases 7 e 20; *gñe*, cf. a frase 8. Cf. o n°473 do vocabulário *kiraugohegñ* ‘viajar’.

*dǐgn*: cf. a frase 4.

- |                                    |                            |
|------------------------------------|----------------------------|
| 13. netaguaavátšána                | inamarátēhēyēgñheedign     |
| nem quando quer você não vem mais, | tão cedo você não vem mais |
| ?                                  | ?                          |

*guava*: ‘você vem’, cf. a frase 3.



*tša*: ‘de volta’, cf. a frase 7.

Negação, cf. a frase 10.

*hēgñ*: ‘para cá’, cf. a frase 12.

*dīgñ*: ‘agora’, cf. a frase 4.

14. <i>diruadē</i>	<i>iōkaguahe</i>	<i>nitoavi?</i>
como é	lá na sua banda	(está bonito)?
?	?	<b><i>n-ítivi</i></b>
?	?	IND-bonito

*diruadē*: ‘como é?’, cf. a frase 2.

*iōkaguahe*: ‘lá na sua banda’, cf. *kaio-gua k(i)rgi* na frase 11.

*he*: cf. a frase 7.

*nitoavi*: ‘bonito’, cf. a frase 4.

15. <i>toopũguariaširvuir?</i>	<i>tōfiákígovír?</i>
sua banda tem bastante gente?	tem bastante casas?
<b><i>to-pũ</i></b>	<b><i>g<sup>ra</sup>-íféuvi</i></b>
AUM-muito	2-gente
	<b><i>to-? g-óvi</i></b>
	AUM-? DET-casa

*toopũ*: ‘muitos’, cf. a frase 30. Cf. também a frase 5 *deepũ(ng)* ‘quantos?’.

*gua*: pronome da segunda pessoa, cf. a frase 2.

*maširvuir*: ‘gente’, cf. a frase 4.

*movuir*: ‘casa’, cf. o n°78 do vocabulário.

16. <i>okoiadigokuagīhadēhee ginedi</i>
aqui na banda você está longe.

*gíne* ‘aqui’, cf. a frase 8.

17. <i>nagoh(i)rdí ídagatši nitéerehi</i>
nós não sabia[mos] que você vem parecer por aqui.

*rehi*: cf. as frases 7 e 18.

18. <i>dšōtšēagagñ dāteerehi</i>
quem é, quem sabia que você quer parecer por aqui.

*rehi*: cf. as frases 7 e 18.

19. <i>tšadign da dékiatšágñhi</i>	
agora você já vai embora	
<b><i>digī</i></b>	<b><i>dekíadžá-?-jo</i></b>
agora	ir=?-2

*tša*: ‘de volta’, cf. a frase 7.

*dīgñ*: ‘agora’, cf. a frase 4.

*hi*: cf. a frase 7.

20. óhé déhēgñ hegñē  
você [a]pareceu aqui tão<sup>46</sup> longe.

*hēgñ, hēgñē*: ‘para cá’, cf. a frase 12.

21. g(i)ne haeruadé iveteheh(i)n      diokáguah(i)n ivee kéoširvuir  
estes gentes daqui não passeiam      aqui não tem gente

*iviápahě itinēheniō mēhe góheegñ*  
que passeiam tão longe.

A tradução dessa frase para o português é muito pouco literal<sup>47</sup>. Assim, a palavra ‘iokáguah(i)n’ designa o destino, para o qual as pessoas não viajam, a saber, ‘à tua banda’. Cf. as frases 14 e 11.

*g(i)ne*: ‘aqui’, ‘esses/estes’, cf. a frase 8.

*širvuir*: ‘pessoas’, cf. a frase 4.

*haeruadé*: cf. *diruadé* na frase 2.

*iveteheh(i)n* ‘elas [as pessoas] não querem ir lá’. Cf. *iteheh(i)n* na frase 24 ‘ele quer ir lá’ e *kiiveétehi* na frase 25 ‘eles não querem ir lá’.

*ve*: pelo menos, vem do radical que designa ‘ir’, cf. a frase 3.

*he*, cf. a frase 7.

*iviápahě* ‘eles não vão longe’, cf. as frases 22 e 27.

*ivia*: ‘eles não vão’, cf. a frase 3; *i* é a negação, cf. a frase 10.

*góhegñ*: as mesmas sílabas se encontram em *kirau góhegñ* ‘viajar’. Veja o n°473 do vocabulário. Sobre *hegñ*, cf. a frase 12.

22. gine goširvuir viápaadšin.  
estes gentes daqui não vão longe.

*gine*: ‘estes’, cf. a frase 8.

*goširvuir*: ‘gente, pessoas’, cf. a frase 4.

*viapaa*: cf. as frases 21 e 27; *i* é a negação, cf. a frase 10.

<sup>46</sup> No original, consta *so* ‘tão’ em alemão. (Nota de T.)

<sup>47</sup> Schmidt traduz essa frase para o alemão como *Diese Leute hier wollen nicht nach deinem Ufer gehen, sie reisen nicht so weit*, ou seja, *Essas pessoas aqui não querem ir à tua banda, elas não viajam tão longe*. (Nota de T.)

23. eráaye iruadéki bætšir	égo bætšír	oširvuir
por isso não viu	não viu nada gente <sup>48</sup>	
? ?	<i>bε-dží</i>	<i>éigo bε-dží go-tjéuvi</i>
	<b>3PL-ver</b>	<b>não 3PL-ver DET-gente</b>

*eráa*: cf. a frase 9.

*ye*: cf. a frase 25, na qual *ye* é acrescentado a *iruadé* ‘por isso’.

*iruadé*: cf. *dīruadé* ‘como é’ na frase 2.

*bætšír*: ‘eles veem/viram’, cf. as frases 2 e 28.

*égo*: negação forte, cf. o n°456 do vocabulário.

24. tonané tóanané tagyiiva	íteheh(i)n
quando alguém quer ir	não chega lá.

*iiva*: ‘eles não chegam lá’, cf. a frase 3.

*íteheh(i)n* ‘ele quer ir lá’, cf. *iveteheh(i)n* na frase 21 e *kiiveétehi* na frase 25. Para *he*, cf. a frase 7.

25. kaiokuóheya guak(i)rgi	iruadeye	kiiveétehi
acham longe [o lugar] donde você vem	por isso	não querem ir lá

*kaiokuóheya guak(i)rgi*: veja a frase 11.

*iruadeye*: ‘por isso’, cf. *eraaye* na frase 23, *iruadé* na frase 2.

*(k)iveétehi*: ‘eles não querem ir lá’;  
*i* é a negação, cf. a frase 10.

*iveétehi*: cf. a frase 21. Para *hi*, cf. a frase 7.

26. ineruadé gnomehe	kapapešürehi
não é como você quem passeou	como você que vai <sup>49</sup> longe passear

*i*: negação, cf. a frase 10.

*eruadé*: cf. a frase 2.

*apape*: cf. a frase 27; *iviapape* ‘eles não vão longe’ e *viapaa* na frase 22.

*rehi*: cf. a frase 7.

27. gine	goširvuir	iviápape
aqui estes	gentes	não vão longe
<i>gine</i>	<i>go-tjéuvi</i>	?
<b>aqui</b>	<b>DET-gente</b>	

*gine*: ‘estes aqui’, cf. a frase 8.

<sup>48</sup> Na tradução para o alemão, consta *Deshalb sahen sie nichts, nichts sahen die Leute*, ou seja, *Por isso, eles não viram nada, as pessoas não viram nada*. (Nota de T.)

<sup>49</sup> Na tradução original para o português, consta *vou*. (Nota de T.)

*goširvuir*: ‘gente, pessoas’, cf. a frase 4.

*ivia*: ‘eles não vão’, cf. a frase 3.

*iviápahē*: cf. a frase 21.

28. akéheibaetšir            diruadéha            goširvuir            iogrhan  
e por isso não sabem como é            gente            [n]uma outra cidade<sup>50</sup>

*ibaetšir*: ‘eles não sabem’, cf. a frase 23; *i* é a negação, cf. a frase 10.

*diruadé*: cf. a frase 2.

*goširvuir*: cf. a frase 4.

*iogrhan*: para han, cf. a frase 4; para *iog’r* ‘diferente, outro’ cf. a frase 33, aqui ocorre com a partícula locativa *han*, significando ‘em outro lugar’.

29. iókaguak(i)rgi            okuoheyaye  
donde você veio            é longe

*iokaguak(i)rgi*: cf. *kaioguak(i)rgi* na frase 11.

*okuoheya*: cf. a frase 11.

30. iokaguak(i)rgi toopũ(ng)koiěehani?  
lá na sua banda tem bastante criação?  
?            *to-pũ*            *g-óje* ?  
?            AUM-muito    DET-criação

*iokaguak(i)rgi*: cf. as frases 11 e 29.

*toopũ(ng)*: ‘muitos’, cf. a frase 15.

*koiěe*: ‘criação, gado’.

*hani*: cf. a frase 4.

31. díteheyetšárehi            mahóne            guagi            déhoǵnmahéguavá  
quando você chega lá            chora            tua mãe            ela pergunta aonde  
?-*tehejé*-?-*rehe*            *ma-uni*            *g<sup>w</sup>a-gí*            ?  
?-*chegar*- ?-2            IPFV-chorar    2-mãe

diruadeguava nítóavi  
você andou e se o caminho está limpo.

?            *n-ítivi*  
IND-bom

*diteheyetšárehi*: ‘quando você volta’.

*tša*: cf. a frase 7.

<sup>50</sup> Na tradução para o alemão, consta *Und deshalb wissen die Leute nicht, wie es anderswo beschaffen*, ou seja, *E por isso as pessoas não sabem como são os outros lugares*. (Nota de T.)

*hi*: cf. a frase 7.

*mahóne*: ‘ela chora’.

*guagi*: ‘tua mãe’; *gua* é o pronome da 2ª pessoa, cf. a frase 2. Cf. a palavra ‘mãe’ no vocabulário, o nº191 *mēmē*.

*déhog’ma*: ‘ela pergunta’. Cf. *medébehog’ñma* na frase 32.

*he*: cf. a frase 7.

*guava*: cf. a frase 3.

*diruadé*: cf. a frase 2.

*nítoavi*: ‘bonito’; cf. a frase 4.

32. <i>medébehog’ñma heráhan?</i> [ela pergunta] o que você viu para lá?	<i>okuóheyáyedí guaváhan?</i> onde você andou é longe ou é perto?
-----------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------

*medébehog’ñma*: cf. *dehog’ñma* ‘ela pergunta’ na frase 31.

*herá (erá)*: ‘algumas coisas’ cf. a frase 9.

*han (hani)*: cf. a frase 4.

*okuóheya*: cf. a frase 11.

*guava*: cf. a frase 3. Para *okuóheyá-yedí* ‘longe ou perto’, cf. na frase 33 *gine-giogr* ‘igual ou diferente’.

33. <i>guatširdióka diruadéha?</i> o que você viu para lá, o que é?	<i>tínee ní gínegiogr?</i> é como aqui ou é diferente?
------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------

*bieyih(i)ngenigióka?*  
é lá limpo?

*ditehéyetšárehi medea gōhěgnhi*  
quando chegou para lá, assentou e contou tudo<sup>51</sup>

*guatšír* ‘você viu’, cf. a frase 2.

*dióka*: cf. na frase 11 *ioka-gua k(i)rgi* ‘aonde você vai’.

*diruadé*: ‘como é’, cf. a frase 2.

*gine*: ‘aqui’, cf. a frase 8.

*giogr* ‘diferente’, cf. a frase 28.

*ditehéyetšárehi*: cf. a frase 31.

34. <i>medégoat(i)r aiũ(ng) guatšírhani</i>	<i>erahani</i>
você conta tudo	o que viu por aqui
	algumas coisas

<sup>51</sup> Na tradução para o alemão, consta *Wenn du zurückkommst, setzt du dich und erzählst alles*, ou seja, *Quando você voltar, você sentará e contará tudo*. (Nota de T.)

guatšírhani                      eruadéhani  
que viu por aqui                como é por aqui

*guatšír*: cf. a frase 2.

*hani*: cf. a frase 4.

*era*: cf. a frase 9.

35. adomahi<sup>52</sup>              šiágantši              mût(i)r  
dou                          ao rapaz              uma piranha<sup>53</sup>

*mût(i)r*: cf. o n°326 do vocabulário.

36. montaguagagátu  
ele tem medo de espingarda.

*gátu*: cf. o n°138 do vocabulário.

37. ogapoégota  
acenda o fogo  
**o-gá-pó**                      **go-ta**  
IMP-CAUS-acender      DET-fogo

igapoégota  
eu acendo o fogo  
**gá-pó-jo go-ta**<sup>54</sup>  
CAUS-acender-1SG DET-fogo

*matá* ‘fogo’, cf. o n°68 do vocabulário.

38. dekiatšamohiovoru  
vou para casa  
**dekiadžá-jo** <mo>      **a-hi-óvi-ru**  
ir                              ?                      1SG-POS-casa-1SG

*dekiatša*: cf. a frase 7.

*mohiovoru*: cf. o n°78 do vocabulário; *ahiovírio* ‘nossa casa’.

<sup>52</sup> *dóma-he*, seria ‘eu te dou’.

<sup>53</sup> Para as frases 35-38 o autor não oferece tradução para o português, só para o alemão. (Nota de T.)

<sup>54</sup> Em Palácio (1984: 89), /gápójeni/ é acender, *ékage ε-gápójeni go-ta* primeiro 3-acender DET-fogo “primeiro ela acende o fogo”. Em seu léxico, o verbo para ‘acender’ ou ‘queimar’ é *pó*, intransitivo (*ib.*: 142) e *gá-pó* CAUS-queimar (*ib.*: 59). Palácio anota outras formas para ‘acender’: como na frase com nominalização e o verbo saber: *na-džuára-jo gá gábogehi go-ta* IND-saber-1SG NOM acender DET-fogo “eu sei sobre o processo de acender fogo” (*ib.*: 89, 117), com o verbo causativizado: *gá-bogehi* CAUS-acender “queimar” (*ib.*: 57, 63). (Nota de T.)

39. kira gúteradya!  
vamos embora!  
*kira go-teradzá* (Eufrásia)  
HORT ?-ir.embora<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Em Palácio (1984: 143) /rátʃedzá/ (verbo intransitivo) é glosado como “ir embora”, a forma que coletamos com Eufrásia, é a mesma transcrita por Schmidt. (Nota de T.)

Cadernos de Etnolingüística

ISSN 1946-7095

***Série Monografias, 5***

*Guató: A Língua*

por Max Schmidt

*Indianerstudien in Zentralbrasilien* (1905) é a primeira grande obra do antropólogo alemão Max Schmidt (1874-1950) sobre índios brasileiros, em que trata da região do Xingu e do Pantanal. No capítulo VIII, Schmidt apresenta uma tentativa pioneira de estudo da língua guató, hoje em dia, em vias de extinção. Além de oferecer uma análise dos sons e da morfologia da língua, apresenta um vocabulário relativamente extenso e um texto ditado pela guató Rosa, comentando sobre a chegada de um visitante. A obra na sua totalidade já foi traduzida para o português por Catharina Baratz Cannabrava (*Estudos de Etnologia Brasileira*, ed. Companhia Editora Nacional, 1942). Aqui apresentamos uma nova tradução do capítulo VIII, de autoria de Kristina Balykova acompanhada de um prefácio de Gustavo Godoy e da tradutora, em que reunimos informações sobre a história do povo guató, a situação atual da língua, iniciativas de revitalização, uma breve biografia de Max Schmidt, alguns apontamentos gramaticais e notas sobre a tradução. No decorrer dos dados coletados por Max Schmidt, inserimos atualizações de transcrição fonológicas e análise morfológica baseadas em estudos posteriores (como Palácio 1984 e Postigo 2009) e nos resultados do nosso trabalho de campo, realizado com os dois últimos falantes do Guató entre outubro de 2016 e agosto de 2017.

ISBN 978-0-9846008-4-7

Disponível gratuitamente para download em:

<http://www.etnolingustica.org/mono:5>